

ESCRITA FEMININA NO SUL DO BRASIL: TEXTOS JORNALÍSTICOS DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO

Francisco das Neves Alves

Mauro Nicola Póvoas

Luciana Coutinho Gepiak



**ESCRITA FEMININA NO SUL DO
BRASIL: TEXTOS JORNALÍSTICOS DE
REVOCATA HELOÍSA DE MELO**

FICHA TÉCNICA

Título: *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*

Autores: Francisco das Neves Alves, Mauro Nicola Póvoas e Luciana Coutinho Gepiak

Coleção Documentos, 10

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, agosto de 2016

ISBN – 978-989-8814-43-2

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2013”

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da FURG, Doutor em História pela PUCRS e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); Universidade de Lisboa (2013) e Universidade Nova de Lisboa (2015). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou aproximadamente cem livros.

Mauro Nicola Póvoas é Professor Associado da FURG, Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS e realizou Pós-Doutorado na Universidade de Lisboa (2009). Autor de vários artigos em revistas académicas, capítulos de livros e comunicações em anais de eventos.

Luciana Coutinho Gepiak é graduada em Letras (FURG), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea (UFPEL) e em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura (FURG) e Mestranda em História da Literatura (FURG); e atua como Assessora de Literatura na Secretaria Municipal de Cultura.

Francisco das Neves Alves

Mauro Nicola Póvoas

Luciana Coutinho Gepiak

Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de de Revocata Heloísa de Melo



– 10 –

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2016

ÍNDICE

Revocata Heloísa de Melo e os periódicos literários <i>Violeta</i> e <i>Corimbo</i>	5
Publicações da autora na <i>Violeta</i>	45
Alguns textos da escritora nos primórdios do <i>Corimbo</i> . . .	99

REVOCATA HELOÍSA DE MELO E OS PERIÓDICOS LITERÁRIOS *VIOLETA E CORIMBO*

Revocata Heloísa de Melo¹ foi uma das escritoras mais reconhecidas no contexto brasileiro – notadamente no sul-rio-grandense – desde a segunda metade do século XIX até meados da centúria seguinte. Ela nasceu a 31 de dezembro de 1853, e morreu a 23 de fevereiro de 1944. Como escritora, teve eclética militância intelectual, atuando em áreas diversas, além de ter contribuído com textos para diversos periódicos diários, semanários, anuários e publicações comemorativas, de modo que, por diversas vezes foi convidada a compor edições coletivas, estando plenamente incluída no rol da intelectualidade de então.

Também conhecida pelos pseudônimos “Hermengarda” e “Sibila”, Revocata Heloísa de Melo, como era padrão à época, teve uma atuação

¹ A grafia de seu nome foi atualizada, à exceção das “assinaturas” em suas matérias jornalísticas, de modo a identificar as formas pelas quais ela mesma se identificava. Os dados biográficos da autora foram elaborados a partir das informações expressas por: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 362.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987. p. 168-170; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313.

intelectual múltipla, pois, além de jornalista, foi professora, poetisa, cronista, conferencista, teatróloga e oradora. A autora dedicou-se incansavelmente às lides jornalísticas, mas também deixou contribuições de cunho bibliográfico. Dentre as obras que publicou destacaram-se *Folhas errantes* (1882), *Coração de mãe* (coautoria, 1893), *Berilos* (coautoria, 1911), e, já ao final de sua vida, *Do meu diário de dor* (1943), trabalhos aos quais se somou uma significativa quantidade de escritos avulsos editados em publicações variadas, na intensa e longeva atividade intelectual que desenvolveu. Pertenceu a uma família intrinsecamente ligada à literatura, estabelecendo uma parceria indelével com sua irmã Julieta de Melo Monteiro. Nesse sentido, Revocata e Julieta estiveram tão ligadas entre si, que entre a obra de uma e de outra ficou demarcada a mais completa identidade².

Tal parceria entre as irmãs Melo ficou bastante evidenciada nas atividades jornalísticas por elas desempenhadas, notadamente nos periódicos literários que levaram em frente. Em tais empreendimentos, quando uma era a responsável pelo gerenciamento do periódico, a outra atuava como redatora ou principal colaboradora e a recíproca era verdadeira. Essa simbiose ocorreu exatamente por ocasião da publicação do semanário *Violeta*, gerenciado por Julieta e tendo em Revocata a principal colaboradora e da longeva publicação *Corimbo*, que tinha Revocata como proprietária e gerente e Julieta como redatora/colaboradora. Os escritos de Revocata de Melo publicados na *Violeta* e no primeiro ano de existência do *Corimbo* em uma de suas novas fases (únicos exemplares disponíveis na maior coleção do periódico, existente no acervo da Biblioteca Rio-Grandense) constituem o fulcro deste livro, estabelecendo-se a seguir um breve histórico de cada uma das folhas.

² CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, CORAG, 2006. p. 313-314.

A *Violeta*³

Pacificado internamente, após as graves crises insurrecionais da época regencial que estouraram por várias das províncias ao longo do território nacional, o Brasil percorreria uma etapa de sua história caracterizada por certa harmonia política e, conseqüentemente, por uma estabilidade econômica que corresponderia ao apogeu do império. Refletindo tal contexto, a imprensa brasileira também passaria por transformações, de modo que o jornalismo predominantemente combativo, político e ideológico, característico daquela era revolucionária, não seria substituído de todo, mas viriam a surgir alternativas editoriais que ofereceriam novas oportunidades de leitura ao público. Nesse sentido, a partir da segunda metade do século XIX, o periodismo brasileiro entraria numa fase de expansão quantitativa e qualitativa, ocorrendo um processo de diversificação das atividades jornalísticas com a edição de variados gêneros, além de uma especialização do periodismo, passando a circular diversificadas publicações destinadas à abordagem de temáticas especiais e/ou voltadas a segmentos específicos no que tange ao público leitor.

No conjunto de tal diversificação e especialização do jornalismo, os escritos de cunho literário passavam a ganhar terreno. A literatura já tinha relevância no seio do periodismo brasileiro, tanto que até mesmo os jornais considerados como predominantemente políticos ou noticiosos, por vezes, acresciam o termo “literário” nos dísticos que estampavam em seus cabeçalhos. Além disso, um número considerável de periódicos já reservava um lugar em suas páginas para matérias literárias na seção “Folhetim”. Entretanto, tal segmento editorial, normalmente alocado ao pé da página, nem sempre era considerado como indispensável, de modo que aparecia ou desaparecia de acordo com a

³ Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Violeta*: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX. In: *Miscelânea – Revista de Literatura e vida social*. Assis: UNESP, v. 14, jul-dez. 2013. p. 125-141.

disposição gráfica e a disponibilidade de espaço em meio ao restante das matérias. Além disso, os textos folhetinescos eram na maioria da lavra de autores sumamente reconhecidos no cenário internacional ou nacional, havendo poucas oportunidades para os escritores que atuavam nos contextos regional ou local e a imprensa especificamente literária viria a preencher tais lacunas.

Assim, na segunda metade do século XIX, as publicações literárias iriam se espalhar ao longo do território brasileiro, chegando a muitas das províncias, notadamente nas suas localidades mais progressistas. Tal fenômeno se repetiria na mais meridional das províncias do império, onde passou a circular significativo número de folhas literárias. No Rio Grande do Sul, a imprensa tivera um desenvolvimento tardio em relação a outras partes do país, vindo a surgir na década de 1820 e, a partir de então, evoluiu crescentemente. O processo histórico marcado pela preparação e eclosão da Revolução Farroupilha representou um momento de expansão no jornalismo gaúcho, surgindo grande quantidade de jornais voltados essencialmente ao debate político-ideológico que tomava conta da província, restando um espaço praticamente nulo para os periódicos que não pretendessem abordar os conflitos então em voga. Os desgastes oriundos da guerra civil levariam a um declínio na imprensa rio-grandense que só voltaria a se recuperar na década de 1840, com o fim do enfrentamento bélico e a progressiva reconstrução política e econômica.

Essa segunda etapa do jornalismo sul-rio-grandense, refletindo o próprio contexto nacional, traria consigo uma diversificação das atividades jornalísticas que, sem abandonar o debate político, partidário e ideológico, abria espaço para algumas estratégias editoriais alternativas. O periodismo noticioso e comercial progrediria, surgindo alguns dos mais longevos e perenes jornais diários gaúchos que intentavam reproduzir o *modus operandi* da grande imprensa nacional e internacional. Ao lado desses periódicos melhor estruturados financeiramente, tecnicamente e organizacionalmente, evoluiria também uma pequena imprensa, representada por jornais de pequeno formato, circulação

não diária, distribuição irregular e existência normalmente pouco peregrina. Ainda que a longevidade não fosse característica de tais folhas, elas marcariam sua presença no contexto rio-grandense-do-sul daquela época e, bem de acordo com tais tendências, se fez presente um jornalismo literário.

As últimas décadas do século XIX marcariam uma fase de apogeu da imprensa gaúcha, levando em conta o tipo de jornalismo até então praticado. Além da diversificação das lides jornalísticas, ocorreria uma crescente especialização dos jornais, surgindo significativo espaço para o desenvolvimento de publicações destinadas à literatura, refletindo o fenômeno que marcava a imprensa brasileira como um todo⁴. Os jornais literários surgiam a partir de uma nova conjuntura socioeconômica e política, marcada por certas preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo. Além disso, esses periódicos representavam um gênero jornalístico alternativo às folhas panfletárias de cunho partidário, predominantes até então, uma vez que procuravam romper com tal situação vigente, especializando-se na difusão cultural e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário⁵.

No contexto provincial, os periódicos literários teriam um papel essencial ao abrir espaço à divulgação dos trabalhos de escritores locais e regionais. Nesse sentido, a evolução da literatura gaúcha do século XIX esteve intrinsecamente ligada aos avanços do próprio jornalismo, que teve efetiva influência na produção literária da província e na sua consequente divulgação, uma vez que os primeiros autores sul-rio-grandenses utilizavam-se das páginas dos jornais, tendo em vista as grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras⁶. Assim, por meio dos periódicos literários, foram divul-

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 196-199.

⁵ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 44 e 60.

⁶ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre & SILVEIRA, Carmen Consuelo. O Parthenon

gados escritos dos mais representativos autores gaúchos, bem como romances, contos, textos críticos e correspondência entre escritores ligados ao movimento cultural da província⁷, os quais seriam precursores ao moverem um espírito de luta pela causa literária⁸, constituindo uma primeira geração importante de intelectuais rio-grandenses⁹.

A partir de tais condições favoráveis, o jornalismo literário espalhou-se pelas mais importantes localidades rio-grandenses-do-sul. Dentre elas esteve a cidade do Rio Grande, a mais antiga das urbes gaúchas, a qual teve a sua origem ligada a uma função essencialmente estratégica nas disputas territoriais anteriores à independência. A partir dos Oitocentos, a cidade passaria por relevantes mudanças, transformando-se no grande entreposto mercantil do Rio Grande do Sul, constituindo o seu único porto marítimo, por onde escoava a produção pecuária e charqueadora e entravam as importações destinadas ao consumo da província. O desenvolvimento comercial dessa comuna portuária traria consigo também certa ascensão econômica e política, bem como a evolução urbana e o crescimento demográfico, num quadro que se tornaria propício também a avanços no campo cultural. Tais progressos culturais teriam na imprensa um dos seus fatores catalisadores.

Considerada a porta de entrada da província rio-grandense, a cidade do Rio Grande teve recorrentemente por meta apresentar-se como verdadeiro cartão postal, ou seja, como uma urbe que contava com os bafejos da civilização, de acordo com os padrões europeus de então.

Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina *et al* (org.). *O Parthenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: EST – São Lourenço de Brindes, Instituto Cultural Português, 1980. p. 12.

⁷ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST – São Lourenço de Brindes, 1982. p. 26-27.

⁸ CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, CORAG, 2006. p. 179.

⁹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. A *Arcádia* e a história literária sulina. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999. p. 43-47. p. 44.

Nesse sentido, a existência de um jornalismo bem desenvolvido exercia um duplo papel nessa missão civilizadora, já que a presença de jornais serviria para denotar os avanços culturais citadinos, bem como os próprios periódicos se propunham a propagandear esses mesmos progressos. Tal perspectiva era confirmada pelo fato de que o porto do Rio Grande não servia apenas para o intercâmbio de mercadorias, como também para a circulação de pessoas, ideias, informações, opiniões, correspondências, livros, companhias artísticas, que primeiro passavam pelo estabelecimento portuário, para depois chegar ao resto da província. Dessa forma, poderia ser considerado como um jornalismo de ponta aquele praticado no contexto rio-grandino, pois seus periódicos acompanhavam *pari passu* os progressos do conjunto da imprensa gaúcha e muito proximamente os avanços do periodismo praticado na maior parte das cidades brasileiras.

A imprensa rio-grandina foi uma das precursoras na conjuntura provincial, tendo suas origens também vinculadas às disputas político-ideológicas e bélicas da Revolução Farroupilha, com a existência de um periodismo incisivo e engajado, defendendo as causas de rebeldes e legalistas. A cidade portuária passaria igualmente por um processo de reestruturação de sua imprensa com progressivas diversificação e especialização das lides jornalísticas, num contexto em que circularam os tradicionais e longevos diários, além de periódicos noticiosos, folhas políticas, semanários caricatos, pasquins e publicações representativas de determinados segmentos socioeconômicos. Foi nesse contexto que ocorreu, desde a década de 1860 até à virada do século XIX para a centúria seguinte, a circulação de uma série de jornais literários, voltados essencialmente à difusão da leitura e à propagação da cultura. Essa imprensa literária inseriu-se na própria planificação de um desenvolvimento cultural da cidade do Rio Grande, estando plenamente afinada com o intento civilizador tão almejado no âmbito citadino. Desse modo, se a civilização era o destino pretendido, a literatura poderia ser o caminho e os jornais literários, os propagadores e arautos que

buscariam guiar a comunidade, por tal seara, em direção àquela meta¹⁰.

Ao contrário dos demais gêneros jornalísticos, notadamente os diários comerciais e noticiosos, que tratavam a literatura como uma matéria de natureza complementar em suas páginas, a imprensa literária consagrava-se de forma total ou praticamente integral ao desenvolvimento da arte literária¹¹. Dessa forma, vários foram os títulos de periódicos literários editados no Rio Grande, ao longo das quatro últimas décadas do século XIX. Os primeiros e mais destacados circularam nos anos sessenta, havendo uma continuidade nos decênios seguintes¹² e, dentre eles, destacaram-se a *Arcádia* (1867-1869 – no Rio Grande), que se anunciava como um “literário, histórico e biográfico”, pretendendo ser também “ilustrado”, mudando mais tarde seu dístico para “jornal consagrado à literatura”; a *Inúbia* (1868) que se apresentava como “periódico literário”; a *Grinalda* (1870-1871), um “periódico literário, crítico e recreativo”; a *Violeta* (1878-1879), que publicava em seu frontispício “periódico literário, crítico e instrutivo”; o *Arauto das Letras* (1882-1883 e 1889), um “órgão dedicado à mocidade rio-grandense” de tendência literária; a *Lanterna* (1893-1894) que se dizia “jornal crítico, literário e noticioso”; o *Correio Literário* (1900), cujo próprio título definia suas metas; e *O Recreio* (1901), outro “órgão da mocidade” voltado à literatura¹³.

¹⁰ ALVES, Francisco das Neves. Nos limiares da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999. p. 51.

¹¹ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande. Ed. da FURG, 1999. p. 143.

¹² ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 142.

¹³ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa literária rio-grandina na segunda metade do século XIX. *Artexto – Revista do Departamento de Letras e Artes*, Rio Grande, v. XI. p. 9-28, dez. 2000. p. 16-17.

Uma das características essenciais do periodismo literário era o recorrente intento de demonstrar que suas propostas editoriais eram essencialmente culturais, não devendo suas páginas destinar espaço a outro tipo de matéria que não estivesse ligada à literatura, à arte, ao estudo e à leitura. Tal meta das folhas literárias esteve associada à busca por superar a pasquinagem, então bastante em voga, bem como ao objetivo de tornar-se cada vez mais uma opção em relação aos periódicos alicerçados no partidatismo. Além disso, esses jornais em muito debatiam os entraves que se antepunham às suas edições. As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, era representado por periódicos, em geral, de pequeno formato, distribuição semanal e que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação regular. Normalmente, eram folhas de confecção artesanal nas quais um único indivíduo, sem um quadro de funcionários, executava as mais variadas funções, desde a elaboração até à distribuição do produto final. Tais publicações nem sempre eram impressas em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para imprimir seus exemplares. Nesse sentido, a imprensa literária também foi promovida a partir de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos e das condições às vezes precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, apesar da pouca perenidade¹⁴.

Esse constante escopo de demonstrar um purismo literário e a recorrente abordagem das amplas dificuldades que cercavam sua sobrevivência foram temas comuns nas páginas das publicações literárias, somando-se aos escritos vinculados à difusão da literatura propriamente ditos, os quais eram distribuídos em variadas seções, normalmente discernidas em textos elaborados em prosa ou verso. Em tais

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa literária no sul do Brasil no século XIX. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon *et al* (orgs.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG; Rio Grande: FURG, 2005. p. 35 e 38-39.

edições apareciam também indícios do que poderia ser considerado como uma crítica literária, além de abordagens em torno de temas culturais e sociais da época. Uma característica marcante desse tipo de periodismo foi uma constante troca de correspondências que, acrescida pelo próprio intercâmbio de exemplares dos jornais, serviam a formação de uma verdadeira rede discursiva pela qual se debatia variadas questões em torno do saber, das letras e da intelectualidade, sob um prisma temático bastante amplo e promovido numa área de abrangência extremamente larga, envolvendo não só o contexto provincial, mas também o nacional e até o internacional.

Dentre as folhas literárias rio-grandinas, uma das que esteve plenamente inserida nessa caracterização geral foi a *Violeta* que circulou de março de 1878 a julho de 1879. Suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho, no qual se definia, inicialmente, como um “periódico literário, crítico e instrutivo”, invertendo, a partir de abril de 1879, para “literário, instrutivo e crítico”. Era um semanário, cujas quatro páginas chegavam aos leitores nos domingos. Sua redatora e proprietária era Julieta de Melo Monteiro que, além de jornalista, foi professora, poetisa, contista, cronista, memorialista e teatróloga, e constituiu uma das figuras expoentes da intelectualidade da época¹⁵. O jornal era impresso em tipografia própria e sua assinatura custava, na cidade do Rio Grande, 500 réis (mensal) e 1\$500 (trimestral) e, fora dela, 2\$000 réis a cada trimestre.

Uma das particularidades da *Violeta* estava ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária, praticamente a totalidade de suas colaborações era também da autoria de representantes do sexo feminino, além disso, o principal público alvo da folha literária eram também as mulheres. As seções do jornal bem demarcavam suas intenções essencialmente voltadas à literatura e à cultura, caso das “Rosas literárias”, na qual eram divulgados escritos em prosa, “Íris poético”, destinada aos textos em versos e “Miríades”, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras. Além dessas,

¹⁵ MARTINS, 1978, p. 375; NEVES, 1987, p. 143-144; e VILLAS-BÔAS, 1974, p. 325.

eram publicados comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas e uma “Revista dos jornais”, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares. Tal prática demonstrava o alcance da folha literária rio-grandina que fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas pelo sul, centro, nordeste, norte e oeste do império, bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal.

A ênfase em destacar suas propostas eminentemente literárias foi uma das marcas registradas da *Violeta*. Ainda que na coleção disponível dentre os exemplares remanescentes não exista o primeiro número no qual ficou registrado o programa da folha, suas metas foram retomadas recorrentemente tanto nas matérias editoriais quanto em apreciações de outros jornais estampadas nas páginas do semanário rio-grandino, nos quais ficavam expressas suas intenções de destinar-se à literatura e voltar-se essencialmente a um público feminino. Dessa maneira, a *Violeta* foi definida como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense para mostrar que a mulher, além do encanto do lar e da flor mimosa a embelezar o caminho da vida, poderia também, na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa, ostentar as mimosas graças de seu espírito (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 1).

Em linguagem figurada, através de constantes alusões ao seu título de inspiração floral, o semanário era apresentado como uma delicada e mimosa *Violeta* que continuava a derramar no ambiente literário os doces perfumes que exalavam as produções de suas inteligentes redatoras. Também era reconhecido como um órgão da imprensa rio-grandense que advogava a causa do sexo gentil, vindo suas páginas exornadas de delicadas flores, de mimosas poesias de um lirismo doce e suave e de belos artigos que revelavam em suas autoras promissor futuro nas lides da imprensa e nos torneios da inteligência. Na mesma linha, comentava-se que a folha rio-grandina era uma publicação li-

terária destinada às moças, podendo dizer-se que era um buquê de odoríferas flores que estava a trescalar o mais agradável perfume para os que tivessem a ventura de tocá-lo (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 1). A publicação literária foi apresentada ainda como um mimoso e delicado ramalhete literário que recendia o inebriante perfume das mais esquisitas e preciosas flores, publicando lindíssimas composições literárias, espirituosos escritos e poesias de verdadeira inspiração e merecimento (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Ao adentrar seu segundo semestre de existência, a *Violeta* se definia como uma folha modesta e singela que fielmente vinha cumprindo o seu programa. Lembrando a popularidade da pasquinagem, o periódico confessava que seu comportamento ilibado desagradava a muitos, visto que ele não se ocupava com a vida alheia, considerando tal situação como uma triste realidade. A respeito da conjuntura cultural, o semanário lamentava que a maior parte da mocidade detestasse as letras, porque se aborrecia com o estudo e, se por acaso chegasse a buscar um jornalzinho da ordem da *Violeta* era apenas para ler a parte crítica. Entretanto, apontava que, como todas as regras tinham exceção, ainda se conseguia, lutando com algumas dificuldades, manter a existência de jornais literários, bem como avisava que não se zangassem aqueles em quem coubera a carapuça e que aceitassem seus cordiais agradecimentos os que com suas valiosas proteções vinham concorrendo para que se pudesse cultivar aquela frágil e pequenina flor (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

As apreciações de outros periódicos continuavam a exaltar a *Violeta* como uma publicação literária mantida por mulheres. Nesse sentido, era destacado que no Rio Grande do Sul estava sendo publicado um pequeno jornal que tinha por principal base de seus assuntos a literatura, a crítica e a instrução, sendo habilmente redigido e cientificamente bem colaborado por senhoras. Manifestava-se regozijo pelo fato de radiar no país uma luz nascida do espírito feminino, que parecia condenado às trevas por um sentimento de ignorância e duras práticas de seus detratores. De acordo com tal linha de pensamento, era

explicado que, sem motivo para o ser, o sexo feminino vinha sendo considerado de nenhum proveito nas ciências, porque os que podiam e os que imperavam entendiam que tal sexo era frágil em tudo e, muito embora a natureza estivesse apontando nele inteligências fortíssimas, consideravam que tal ação intelectual não passava de quimera. Em contrapartida, a folha que apreciava a publicação rio-grandina vaticinava que na realidade a *Violeta* por si só formava um grande baluarte da ciência instrutiva e mais o seria se surgissem imitadoras à sua atitude (VIOLETA, 29 set. 1878, p. 1-2).

No mesmo sentido, afirmava-se que os escritos inseridos na folha literária rio-grandina provavam não só inteligência e gosto, mas também o sincero desejo de empregar ambos os dotes em prol da literatura (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1). Referindo-se ao norte editorial da publicação, explicava-se que tal flor mimosa do jornalismo evitava as abordagens da alta imprensa, mas trazia o perfume da poesia que falava ao coração e os enlevos da literatura que arrebatava a inteligência, constituindo um protesto vivo contra a tola opinião da incapacidade da mulher, manifestando-se a expectativa de que de suas páginas saíssem nomes que a história, a literatura, a poesia e a política viriam a gloriar em seus anais (VIOLETA, 1º dez. 1878, p. 1). O semanário chegou a ser considerado como um importante periódico literário publicado na província sulina e que, no panteão do jornalismo brasileiro, se destacava pela singeleza e variedade de seus escritos e pelo bem elaborado de seus artigos que ilustravam o império do cruzeiro (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

Ao entrar em seu segundo ano de existência, o periódico anunciava que, como sempre diligenciado por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destinava, resolvera fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradavam à maior parte do sexo frágil. Diante disso, esperava continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tinha sido tão benignamente dispensado. Além disso, a folha literária apontava

para outras transformações editoriais, prevendo, com a finalidade de dar merecimento ao pequeno jornal, a publicação de escritos a respeito de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e, principalmente, rio-grandenses, diante do que se propunha a receber com a maior gratidão os dados que lhe fossem transmitidos para tal fim. Esclarecia que não só aceitava, mas muito encarecidamente pedia a contribuição das pessoas patrióticas e amantes da literatura. Tal proposta era justificada pelo fato de que o exemplo das mulheres que se distinguiram poderia vir a iluminar muitas inteligências feminis que dormiam esquecidas pela indiferença, as quais despertariam com a narração deslumbrante dos altos feitos de gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

Manter uma folha literária não era empreitada fácil e, a cada edição na qual fechava mais um período de existência, surgia um motivo de comemoração por parte do semanário que observava com orgulho os alcances que vinha obtendo, ainda que o caminho fosse prenhe de estorvos. Nesse sentido, a *Violeta* demarcava a data na qual finalizava o seu primeiro mês de existência, desejando que Deus quisesse que o mesmo orvalho que lhe tinha dado vida até então, continuasse a alimentá-la (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1). Na mesma linha, a publicação homenageava seus leitores e colaboradores ao encetar o seu segundo trimestre de circulação, afirmando que faltaria a um sagrado dever se deixasse de gravar em suas páginas um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se dignaram a prestar-lhe a sua proteção, fosse com seus belos escritos fosse com suas assinaturas (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Nessa mesma oportunidade em que adentrava o seu segundo trimestre de existência, o jornal destacava que queria corresponder a tantas manifestações de apreço que recebera, de modo que resolvera aumentar o seu formato. Tal melhoramento adviria da crença da folha de que continuaria a ser bafejada pelas bonançosas auras com que até então fora agraciada. Convicta da execução de seu norte editorial, a redação exclamava que aquele jornalzinho, criado exclusivamente

para o belo sexo, deveria do mesmo receber toda a proteção, de modo que, figurativamente, nas mãos das distintas brasileiras eram colocadas singelas violetas, esperando que elas jamais fossem deixadas no abandono. Na mesma linha, conclamava a todas àquelas em cujos cérebros se fizesse presente a luz da inspiração, que auxiliassem na árdua, porém bela carreira que era encetada. A ocasião servia ainda para que o periódico manifestasse sua sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se vinha mostrando para com aquele semanário literário (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Um dos pontos altos da *Violeta* em termos de alcance, ainda mais por estar inserida no contexto da pequena imprensa, foi a repercussão obtida nos mais longínquos recantos do Brasil, através do intenso intercâmbio que promoveu com jornais de diversas províncias brasileiras. Tal permuta era levada muito a sério pelo semanário, que não descuidava do envio e recebimento de exemplares, como ele mesmo deixava claro ao declarar que daquela data em diante ficaria suspensa a entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas, cujas redações não se dignassem a permutar seus periódicos com a *Violeta* (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1). No mesmo sentido, a publicação literária pedia às redações de todos os periódicos de fora da província sulina que davam a honra de intercambiar com a folha rio-grandina que, quando enviassem seus exemplares, o fizessem para a cidade do Rio Grande, e não para a vizinha Pelotas, como acreditava que por engano o vinham fazendo, atitude da qual resultava extraviarem-se uns e demorar-se o recebimento de outros (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1).

Apesar do pequeno formato e de todas as dificuldades que cercavam aquele tipo de empreendimento, a tenacidade e perseverança da redação da *Violeta* trouxeram resultados significativos, ainda mais tendo em vista o alcance de suas permutas, que permitiu a difusão de matérias literárias ao longo de grande parte do território brasileiro e até do exterior. Nesse sentido, a própria folha ressaltava o fato de ter recebido uma revista mensal da cidade estadunidense de Nova York, com a qual passou a intercambiar exemplares. A esse respeito, o se-

manário afirmava que folgava assaz em dar essa agradável notícia a seus favorecedores, pois que, conquanto tenha sido geral no Brasil a aceitação daquele modesto jornalzinho, nunca chegara a persuadi-lo que de tão longe receberia tão inequívoca prova de apreço (VIOLETA, 21 jul. 1878, p. 1). E de tal mérito, a redação da publicação literária não abria mão, como ao constatar que já havia muito tempo que um interessante periódico não acusava o recebimento da *Violeta*, diante do que tomava o cuidado de participar aos responsáveis pelo mesmo, que continuava sendo pontual na remessa dos seus exemplares, e que ignorava se eles estavam ou não chegando ao seu destino (VIOLETA, 18 ago. 1878, p. 1).

Ainda que tenha obtido significativa repercussão, apesar de seus próprios limites, *A Violeta* teve de enfrentar ao longo de sua existência as relevantes dificuldades que normalmente se antepunham aos representantes da pequena imprensa. Um desses embaraços estava ligado à venda de assinaturas, única fonte de renda da folha, bem como a inadimplência daqueles que deveriam contar como seus favorecedores. Nessa linha, os avisos tornavam-se recorrentes, como no caso da publicação de um pedido endereçado aos assinantes que ainda se achavam em débito com a empresa, para os quais a redação rogava o obséquio de o mandarem saldar (VIOLETA, 19 maio 1878, p. 1). As cobranças eram retomadas já no segundo ano de existência da folha que rogava a todos os seus assinantes tanto do Rio Grande, como de fora dele, especialmente aos da cidade gaúcha de Bagé, que ainda se achavam atrasados em seus pagamentos para com aquela pequena empresa, o obséquio de mandarem satisfazer tal importância o mais breve possível, tendo em vista a entrada em um novo trimestre, período base no pagamento das assinaturas (VIOLETA, 13 abr. 1879, p. 2).

Ainda a respeito do problema do pagamento das assinaturas associado ao da distribuição, a folha editou uma nota sob o título “Procedimento inqualificável”, explicando que só assim se poderia chamar aquele que haviam acabado de ter os assinantes residentes na vizinha cidade de Pelotas para com aquela pequena empresa. Passava

então a detalhar o ocorrido, destacando que, durante um semestre, fora enviada quantia muito superior a cem exemplares, para que o seu agente fizesse a distribuição entre os assinantes e as redações de outros jornais, entretanto, quase ao concluir-se o trimestre, foram também remetidos ao mesmo agente os recibos para que ele procedesse à cobrança, visto que o pagamento deveria ser adiantado. Diante de tal perspectiva, o semanário manifestou sua surpresa quando aquele funcionário mandou dizer que todos os assinantes negavam-se a pagar pelo motivo de que a folha rio-grandina havia muito não publicava crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos pretensos favorecedores. Perante tal comentário, o periódico literário afirmava que não queria crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidades (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Dentre os obstáculos que assolavam a existência da publicação literária rio-grandina estavam também os de natureza técnica, que potencializavam seus efeitos por tratar-se de uma edição realizada em meios praticamente artesanais. Nesse sentido, a *Violeta* publicava uma nota intitulada “Aos nossos assinantes”, na qual avisava que, tendo havido um pequeno desarranjo no seu prelo, fora um de seus números impresso na tipografia de outro jornal, na qual se dera um terrível engano ao colocarem-se as páginas no prelo, pelo que a redação pedia mil desculpas a seus favorecedores, esperando que aquilo jamais se reproduzisse novamente (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1). Havia problemas também ligados à revisão dos textos, como no caso de alguns erros que teriam escapado numa das edições do periódico, especialmente na pontuação de uma narrativa. Diante dessa falta involuntária, o semanário mais uma vez desculpava-se, bem como dizia esperar das esclarecidas inteligências de seus assinantes a pronta correção dos mesmos (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 2). Mais tarde, já próximo de suas últimas edições, o semanário avisava que, devido a um pequeno desarranjo havido em seu prelo, fora obrigado a não distribuir seu exemplar referente à última edição, o que bastante contrariava a redação que, da

benevolência de seus leitores, esperava merecer desculpa para essa falta involuntária (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1).

A organização dos trabalhos nas oficinas de um periódico que constituía um representante da pequena imprensa tinha de ser extremamente simplificada, pois, praticamente não havia funcionários, ficando as diversas etapas da elaboração do jornal nas mãos de seu proprietário. De acordo com tal perspectiva, o responsável pela publicação, muitas vezes, tinha sob sua responsabilidade a idealização, a planificação e a confecção de cada uma das edições, atuando na redação, revisão, formatação, impressão e até na distribuição da folha. Com poucos recursos, essas publicações não tinham condições de pagar boas remunerações, diante do que escasseava a possibilidade da contratação de empregados e, quando isso se tornava possível, a qualidade do serviço prestado normalmente não era das melhores. A *Violeta* foi atormentada por tais males, vindo a ter constantes problemas com seus representantes comerciais, notadamente na vizinha cidade de Pelotas e, mais ainda, com seu serviço de cobranças.

Desse modo, foi recorrente nas páginas do semanário o anúncio da necessidade de um cobrador (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1; 14 jul. 1878, p. 1; e 28 jul. 1878, p. 1). Além das dificuldades de obter um funcionário para as cobranças, quando o conseguia, o mesmo deixava a desejar, como ficou demonstrado em avisos publicados recorrentemente pelo jornal nos três últimos meses de 1878. Assim, o periódico rogava a um ex-cobrador que fizesse o obséquio de comparecer à sua oficina, pois a sua falta era assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou a importância referente aos mesmos que ele se *esquecera* de trazer à redação (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1; 27 out. 1878, p. 2; 3 nov. 1878, p. 1; 10 nov. 1878, p. 2; 17 nov. 1878, p. 1; 1º dez. 1878, p. 1; 8 dez. 1878, p. 2; e 22 dez. 1878, p. 2). A impaciência da redatora crescia e o aviso ganhava um tom mais agressivo, sendo perguntado ao ex-funcionário quando ele pretendia dignar-se a visitar o escritório do jornal, trazendo em sua *amável* companhia os recibos que lhe haviam sido confiados ou valor correspondente a eles. A raiva

diante do ato ficava expressa nas palavras pelas quais não se sabia se tal indivíduo era cego ou surdo e, por conseguinte, continuaria a ser chamado (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

A inconstância na distribuição era um dos maiores males que afetava a pequena imprensa e a *Violeta* também sentiria seus efeitos. Manter a circulação regular era uma constante preocupação da folha que chegou a rogar a seus assinantes que, no caso de irregularidade na sua entrega, mandassem declarar no escritório da empresa, para que providências fossem tomadas prontamente (VIOLETA, 7 abr. 1878, p. 1). Uma das estratégias mais utilizadas pelos pequenos jornais de então, também foi praticada pela *Violeta* que chegou a antecipar o envio de exemplares para possíveis assinantes, pedindo, no entanto, às pessoas a quem fossem entregues e que não desejassem coadjuvar com a sua proteção, o obséquio de devolvê-los na empresa ou aos seus agentes, visando, assim a ampliar a distribuição da publicação para novos favorecedores. Apesar dos cuidados, ainda no seu primeiro trimestre, o semanário declarava que, por motivos alheios à sua vontade deixara de sair à luz um de seus números, cuja falta ficaria suprida com a edição seguinte, para que continuasse dali em diante com a mesma regularidade (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Como grande parte das etapas da elaboração do jornal ficava nas mãos da proprietária, problemas de qualquer natureza por ela enfrentados poderiam prejudicar a distribuição da folha. Nesse sentido, o semanário desculpava-se diante de seus favorecedores por não ter sido feita a entrega de um de seus números, tendo em vista os tristes motivos que provocaram tal falha, numa referência à perda de um parente da redatora. Em compensação, dizia que na oportunidade dois números haviam sido distribuídos, de modo a preencher aquela falta (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 2). Na mesma linha, o jornal teve a sua circulação suspensa durante os três primeiros meses de 1879, por motivo do falecimento do pai da redatora e proprietária. Ao retornar, a folha declarava que, após uma interrupção de três meses, motivada a princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares,

aparecia novamente a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado. Além disso, avisava aos assinantes que se tinham adiantado em pagamentos com a pequena empresa, que nada sofreriam os seus interesses com a suspensão da edição, visto que haveria o cuidado de indenizá-los diante daquela ausência (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

A publicação literária chegaria a buscar alternativas para as dificuldades que a cercavam, como foi o caso da proposta de distribuir juntamente com cada exemplar meia folha contendo anúncios, não sendo por tal inovação alterado o preço do jornal, de modo que esperava ampliar o merecimento da proteção pública. Tal estratégia era justificada pelo fato do periódico ter circulação por quase todas as províncias do império e fazendo os anúncios por menor preço do que qualquer outro, esperava não ser esquecido pelos seus assinantes e pelo público em geral (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1). A despeito de todos os esforços, os obstáculos passavam a predominar, chegando a redação a confessar que, apesar da busca por manter a máxima pontualidade na remessa do jornalzinho, não sabia a quem ou a quem atribuir o descaminho pelo mesmo sofrido, uma vez que eram contínuas as reclamações daqueles que diziam não tê-lo recebido (VIOLETA, 1^o jun. 1879, p. 1). As falhas na distribuição tornavam-se cada vez mais recorrentes, levando a folha a declarar que mais uma vez se vira forçada a faltar com uma edição aos seus assinantes. Diante de tal problema, o semanário justificava que era bastante sensível à falta de cumprimento daquele compromisso, que infelizmente ocorreria tendo em vista a falta de empregados pela qual era acometida aquela pequena empresa (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

As precariedades se avolumavam e nova interrupção ocorreria, tanto que o jornal mais uma vez dedicava aos seus assinantes, a quem de coração agradecia a proteção até então dispensada, o pedido de mil desculpas pela irregularidade com que ultimamente vinha sendo distribuída a folha, chegando a prever que, com a entrada de novo mês e trimestre, seria feito todo o possível para que não se reproduzissem tais anormalidades e manifestando a esperança de não ser

abandonado pelo favor público (VIOLETA, 6 jul. 1879, p. 1). Até mesmo as novas estratégias de vendas eram nulificadas diante das constantes interrupções, de modo que o jornal declarava que se vira obrigado a deixar morrer logo ao nascer o seu projeto de distribuir junto de cada exemplar meia folha de papel com anúncios. O periódico justificava que fora forçado a assim proceder pela mesma razão que fizera com que o jornal fosse publicado tão irregularmente, ou seja, a falta de empregados. Mas, ainda com alguma esperança, o semanário previa que, logo que estivesse melhor servido, voltaria à ideia original (VIOLETA, 13 jul. 1879, p. 1).

As melhores condições não viriam e a “modesta florzinha literária” cada vez mais perdia sua seiva de sustentação e sucumbia diante de tantas intempéries. Submetida a muitas das limitações que se sobrepunham à pequena imprensa, a folha rio-grandina voltada à literatura, mesmo diante de toda a organização e os esforços de sua redação, chegava a seus estertores. Apesar dos nobres propósitos de difusão da leitura e divulgação da cultura, o terreno às publicações literárias parecia não ser tão fértil, carecendo de um número de favorecedores que fosse o suficiente para manter suas condições básicas de sobrevivência. Ainda assim, o semanário levou em frente suas propostas, abrindo espaço para a publicação de textos redigidos no contexto local e regional, divulgando uma profícua produção, numa atividade acrescida pelo mérito de ser uma das poucas publicações que se destinou a editar escritos de autoria feminina que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo, tendo em vista a bem elaborada rede de intercâmbios promovida a partir da *Violeta* que, enquanto circulou, cumpriu à risca a sua missão.

O *Corimbo*¹⁶

O *Corimbo*¹⁷ pouco teve analisada a sua produção literária por pesquisadores e críticos da área de Letras. Os poucos estudos realizados a partir da matéria presente em suas páginas quase sempre se circunscreveram ao campo da história¹⁸. Nos compêndios de literatura sul-rio-grandense, a ausência é completa, com o *Corimbo* não aparecendo nem como referência esparsa ou nota de rodapé¹⁹. Histórias literárias, antologias, índices e dicionários biográfico-literários, se não dedicam espaço ao *Corimbo*, pelo menos, vez ou outra, referem-se às irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, as fundadoras e editoras do periódico, onde, aliás, publicaram a maior parte das suas respectivas produções literárias.

¹⁶ Texto adaptado a partir de: PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves Alves (org.). *Imprensa, História, Literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007. p. 29-38.

¹⁷ A única definição para a palavra “corimbo” encontrada no *Dicionário Aurélio* é a seguinte: “Tipo muito comum de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior”.

¹⁸ Listam-se os inúmeros ensaios escritos pela professora de História, Hilda Agnes Hübner Flores; a dissertação de Mestrado em História de Míriam Steffen Vieira (*Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo, 1885-1925*), defendida na UFRGS, em 1997; e a monografia de conclusão do curso de Especialização em História de Maria Luiza Tavares Ferreira (*A idealização de imagens femininas, através da imprensa rio-grandina: um estudo do periódico Corymbo, 1889-1914*), apresentada na FURG, em 2001. A exceção é a tese de Doutorado em Letras defendida na PUCRS, em 2005 – *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX* – a qual analisa três periódicos: *O Guaíba*, *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e *Corimbo*.

¹⁹ O único livro de abrangência nacional que cita o *Corimbo* é: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. 264. Mesmo assim, é uma referência rápida, numa longa lista de jornais e revistas do Rio Grande do Sul, em que o periódico sulino aparece com a data de 1885 como a de seu início.

Em termos de periodismo sul-rio-grandense, a crítica sempre valorizou a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879), em detrimento do *Corimbo* e de outros jornais e revistas do século XIX, até pela importância do mensário partenonista, que, no Rio Grande do Sul, introduz o Regionalismo, consolida o Romantismo e formata um sistema literário, ainda incipiente, mas efetivo. Essa ausência e esse silêncio explicam-se ao se constatar que o *Corimbo* era um periódico escrito e lido, em sua maioria, por mulheres, numa época em que produtos tendo como público-alvo específico o sexo feminino eram esparsos e pouco valorizados²⁰. Outro motivo para o esquecimento deve-se ao fato de a revista ser da cidade de Rio Grande, e não de Porto Alegre, o que dificultava o acesso à folha.

A pesquisa enfocando o *Corimbo* também é prejudicada porque, atualmente, mais de meio século depois da suspensão de sua circulação, a revista está depositada em algumas poucas bibliotecas, públicas e particulares, o que obstaculiza a consulta ao material. O local em que se encontra a coleção mais completa do periódico, embora com muitas lacunas, é a Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande. Nessa instituição, o primeiro número disponível data de junho de 1885 e o último de novembro de 1943, poucos meses antes da morte de Revocata, aos noventa anos, em fevereiro de 1944. O Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Biblioteca Central da PUCRS, todos em Porto Alegre, mantêm em seus acervos alguns exemplares da revista, em número inferior ao encontrado no acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Dos periódicos sul-rio-grandenses, o *Corimbo* foi um dos que teve maior duração temporal, já que circulou, com interrupções, de 1883 a

²⁰ V. VIEIRA, Míriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo, 1885-1925*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. p. 71. A autora levanta essa possibilidade para a ausência do *Corimbo* na historiografia: “Talvez a ausência de referência a este periódico [o *Corimbo*] possa ser explicada em função do [pouco] valor conferido aos empreendimentos literários femininos”.

1943. Apesar de se conhecer exemplares apenas a partir de 1885, a data de início efetivo da revista seria 21 de outubro de 1883²¹, a se considerar o seguinte trecho: “Rodeado de simpatia e não lhe tendo jamais faltado o favor público, completou a 21 [de outubro] o seu segundo aniversário, o *Corimbo*, que nascendo semanário elevou-se ultimamente à altura de revista mensal”²².

Devido aos seus longos sessenta anos de vida, o *Corimbo* atravessou momentos estéticos diferenciados, começando suas atividades no momento em que o Romantismo dava seus últimos passos em território sulino. Paralelamente, a prosa assistia ao surgimento do Realismo e à consolidação do Regionalismo, e a poesia era marcada pelo Parnasianismo e, posteriormente, pelo Simbolismo. Alguns anos depois, na década de 1920, com o *Corimbo* ainda circulando normalmente, a literatura brasileira seria afetada pelas inovações do Modernismo, embora a produção da revista não acusasse, em suas páginas, o sopro renovador.

A revista sofreu, com o passar do tempo, modificações na periodicidade, no número de páginas, no formato e na tipografia. Nasceu semanal, com folha tamanho ofício, passando a mensal a partir de junho de 1885, em tamanho meio ofício, 20 cm por 24 cm, de dezesseis a trinta e duas páginas, com capa colorida e sumário da matéria de cada edição, perdurando este formato até novembro de 1888. Após uma pequena interrupção, reapareceu em 1889 como semanário, em tamanho ofício, 30 cm por 20 cm, quatro páginas, sem capa e com

²¹ Não mera coincidência, o aniversário de Julieta de Melo Monteiro comemorava-se a 21 de outubro. Na verdade, não foi localizado nenhum exemplar da primeira fase do *Corimbo*, que tem início em 1883, sendo o ano de 1885 o primeiro a ser encontrado na Biblioteca Rio-Grandense. Nas referências bibliográficas, usa-se “ano 1” para 1885, apesar de não o ser, porque assim consta nas capas do *Corimbo* desse ano.

²² M. Crônica mensal. *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 6, p. 15, nov. 1885. O jornal *Eco do Sul*, de Rio Grande, na página 2 da edição de 24 de outubro de 1883, uma quarta-feira, aponta, em nota sem autoria, o início das atividades do *Corimbo* no domingo que passara, dia 21 de outubro.

anúncios comerciais postados na última página, permanecendo assim até a metade de 1898. Dessa data até agosto de 1927 – deve-se levar em conta que houve um interregno entre 1910 e 1913 –, circulou quinzenalmente, novamente no formato de 20 cm por 24 cm, quatro ou oito páginas, com capa e sumário. A partir de 1928, voltou a ser semanal, para, de 1939 a 1943, passar a mensal ou bimestral²³. A cada edição, a numeração iniciava da página 1.

O próprio nome da revista, ao longo de todas estas idas e vindas, mudou, pois em alguns períodos ela era grafada com um “O” antes do “Corimbo”: *O Corimbo*. A maior parte das vezes, no entanto, a referência à denominação se deu sem o artigo definido, motivo que faz com que se adote esta forma no presente trabalho.

As interrupções davam-se pelos mais diversos motivos. Em 1º de outubro de 1898, por exemplo, à página 1, há um texto que anuncia a reaparição do *Corimbo*, depois de dois meses, devido a um incêndio, em 7 de agosto do ano corrente, nas oficinas do Trocadero, onde ele era impresso. Como a cidade de Rio Grande não dispunha de outra tipografia que pudesse se encarregar da revista, cessou-se momentaneamente a circulação, até o alinhavo de outra casa gráfica, o que aconteceu em outubro. O *Corimbo* passou a ser impresso em Pelotas, dificultando o trabalho das redatoras, que pediram, publicamente, compreensão aos colaboradores – que mandassem seus textos em letra legível, pois a revisão estava impossibilitada – e aos favorecedores – que teriam o tempo de suspensão reposto. Durante a sua existência, o *Corimbo* passou por gráficas de Rio Grande e Pelotas, como a tipografia da Livraria Americana, a do *Diário Comercial*, a do *Diário do Rio Grande*, a do *Eco do Sul*, a do *Correio da Noite*, a d’A *Reforma*, a Trocadero e a Mignon. De Porto Alegre, foi impresso na tipografia do *Jornal do Comércio*.

²³ No começo, a entrada de um novo ano para a revista se dava em junho, referência à data de retomada das atividades do periódico, em 1885. A partir de 1889, a troca de ano, e consequentemente a volta ao número 1, efetua-se no aniversário de fundação do *Corimbo*, 21 de outubro.

Revocata de Melo e Julieta Monteiro dividiam as responsabilidades das atividades do *Corimbo*; entretanto, a partir da morte de Julieta, em 1928, a direção da revista ficou unicamente nas mãos de Revocata. Ela ainda conseguiu continuar a empreitada por mais quinze anos, apesar das dificuldades financeiras e da saudade da irmã sempre lembrada e homenageada nas páginas do periódico, com poesias e crônicas, em especial na coluna “Do ‘Meu diário de dor’”, na qual registrava impressões em torno da ausência da companheira:

Tudo vai, tudo morre, tudo finda, só a saudade me acompanha
ainda! Hoje, outubro tem rosas e mais rosas, mas para mim são
tristes e chorosas... Julieta, eu te beijo em pensamento, nesta
saudade que não tem alento!...²⁴

As duas foram sempre as que mais publicaram nas páginas do periódico rio-grandino, com grande quantidade de produções aparecendo em quase todos os números, mesmo após a morte de Julieta, pois composições póstumas da poetisa continuaram sendo estampadas. Ao lado delas, porém, outros escritores colaboravam com poemas e contos, gêneros mais constantes, ao lado de crônicas, lendas, piadas, charadas e textos de natureza diversa, inéditos ou não, enriquecendo a revista. Eram autores gaúchos, de outros Estados, ou até estrangeiros (por exemplo, há um significativo número de poemas em espanhol e em italiano, sem tradução para a língua portuguesa), já que o *Corimbo* abria espaço para toda e qualquer contribuição recebida, o que lhe dava um caráter pluralista. Uma gama heterogênea de escritores assinalava presença em todas as edições, desde os mais próximos – rio-grandinos, pelotenses, porto-alegrenses – até aqueles que residiam em cidades mais distantes, tanto do Brasil – Florianópolis, Rio de Janeiro, Fortaleza –, como da Europa – Barcelona, na Espanha –, mesclando-se autores atualmente pouco lembrados com outros consagrados, aos quais o cânone abaliza e cita.

²⁴ MELO, Revocata Heloísa de. Do “Meu diário de dor”. *Corimbo*, ano 57, n. 445, p. 3, 21 out. 1939.

Exemplos de nomes reconhecidos da literatura sul-rio-grandense que tiveram textos editados nas páginas do *Corimbo* são: Múcio Teixeira, Aquiles Porto Alegre e Damasceno Vieira, que despontaram nas páginas da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, continuando ainda muitos anos no panorama da literatura sulina; Zeferino Brasil, escritor popular na virada do século XIX para o XX; e Ari Martins, membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras e que posteriormente se destacou como historiador e dicionarista da literatura gaúcha. De fora do Estado, podem ser citados Castro Alves, Bernardo Guimarães, Virgílio Várzea, Cruz e Sousa, Oscar Rosas, Vicente de Carvalho, Olegário Mariano e Alphonsus de Guimaraens. Nomes de escritores estrangeiros presentes são os portugueses Antero de Quental e António Feijó.

Inúmeros colaboradores, por outro lado, são nomes hoje pouco ou nada conhecidos. Nesse caso, situam-se, por exemplo, Carlos Tolentino, José Antônio Xavier Pinheiro, Júlio Camisão, Leopoldo Chaves, Otacílio de Oliveira, Rui de Neles e Vítor da Silva Airoso, fora pseudônimos, abreviaturas e símbolos que impedem a confirmação da autoria, tais como Ego, F. R. F. G. ou ***.

A voz feminina, além das proprietárias, se fazia representar por articulistas que, de todas as regiões, remetiam colaborações, expondo fatos relacionados à vida das mulheres: Amália Franco, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Andradina de Oliveira, Cândida Abreu, Carlota d'Aquitânia, Cecília Meireles, Cora Coralina, Delminda Silveira, Inês Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Luísa Cavalcanti Filha, Maria Lacerda de Moura e Tercília Nunes Lobo²⁵.

²⁵ Aqui, emerge a questão de ser o *Corimbo* um representante da imprensa feminina ou não. Míriam Vieira levanta que há dois aspectos para se abordar a questão: a recepção (o periódico ser escrito *para* mulheres) e a produção (o periódico ser escrito *por* mulheres). V. VIEIRA, Míriam Steffen. Op. cit. p. 16-17. Em sentido estrito, o *Corimbo* não se adapta a nenhuma das categorias propostas, até porque a revista nunca se assumiu, a não ser nas entrelinhas e nunca abertamente, como um projeto feminino, mas, genericamente falando, como um periódico ligado às letras. V., a propósito, VIEIRA, Míriam Steffen. Op. cit. p. 112-113. Hilda Flores afirma ser o *Corimbo* “o jornal feminino de mais longa duração no Brasil”. FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Corimbo* (1883-1943) e feminismo no Brasil. *Faces de Eva: estudos sobre*

A existência de textos em diferentes línguas, assinados tanto por nomes conhecidos quanto por desconhecidos, devia-se ao fato de que a circulação da revista não se restringia somente à cidade de Rio Grande ou ao território sulino, mas se expandia a outras unidades da federação e aos países vizinhos, Argentina e Uruguai, especialmente. O *Corimbo* era o local para onde um diletante podia enviar descompromissadamente o seu texto e, logo depois, ver concretizado o sonho de vê-lo impresso, o que confirma a importância de Revocata e Julieta na divulgação literária.

Assim, afirma-se que o *Corimbo* desempenhou importante papel na consolidação e na estabilização de um sistema literário no Rio Grande do Sul, no momento em que abria portas para que autores dos mais diversos naipes fossem publicados na revista. Um exame do periódico possibilita aferir a influência do *Corimbo* na fixação desse sistema literário no extremo Sul do Brasil, rede que se atesta pela edição de textos de autores das mais diferentes nacionalidades; pela correspondência trocada entre os leitores e as redatoras; e pelos artigos e notas, ora acusando o recebimento de publicações, ora registrando o falecimento de um escritor.

No primeiro ano da segunda fase do *Corimbo*, já se encontram aspectos que indiciam a paulatina transformação que a Província começa a vivenciar a partir da geração do Partenon Literário²⁶: da pouca presença de receptores de anos atrás, chega-se à valorização do ato de leitura e à formação de pessoas que conheçam os grandes nomes da literatura brasileira e mundial. No artigo inicial dessa segunda fase do

mulher, Lisboa, n. 4, p. 72, 2000. Segundo BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p. 37, o primeiro periódico feminino brasileiro foi o carioca *O Espelho Diamantino*, de 1827.

²⁶ Regina Zilberman aponta que o Partenon Literário merece, pela manutenção de uma rede de colaboradores, associados e correspondentes espalhados por todo o Rio Grande do Sul, o título de verdadeiro iniciador da literatura sulina e real instaurador de um sistema literário na então Província, contribuindo efetivamente para a formação de um público leitor consistente na região. V. ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 13.

Corimbo, de junho de 1885, há um “Expediente”, texto introdutório não assinado, em que se pode notar o cuidado em oferecer um produto mais bem acabado ao público, que vai aumentando a sua exigência à medida em que a escolarização e o conhecimento crescem:

Fazendo cessar a publicação do nosso semanário *Corimbo*, criamos a presente *Revista Mensal*, no empenho de, em melhores condições materiais e literárias, darmos a nossos favorecedores um trabalho nítido e páginas de boa leitura.

Crendo na proteção daqueles que interessam-se pelo progresso das letras, esperamos um feliz acolhimento em prol de nossos dedicados esforços.²⁷

A preocupação da direção encontra guarida no expressivo número de leitores e assinantes do periódico, conforme fica explícito numa “Crônica mensal” de novembro do mesmo ano: “Contando um avultado número de bons e assíduos colaboradores, espera em breve esta publicação estar colocada na eminência a que tanto aspira”²⁸. Aliás, a consideração do público sempre é registrada nas páginas da revista, como no “Expediente” de julho de 1885, em que a redação destaca a recepção dos leitores e agradece à imprensa de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande a atenção dispensada, ou então em março de 1887, também no “Expediente”, em que se anota que apenas dois números enviados aos assinantes foram devolvidos, demonstração de que o *Corimbo* é alvo de “delicada acolhida” por parte dos interessados. Se a recepção nos primeiros momentos dessa nova fase do periódico agrada, o mais interessante reside no fato de que os leitores não se concentram somente na cidade de Rio Grande, como seria de se supor, mas se espalham por toda a Província, pelo País e até pelo exterior, robustecendo a rede começada pela Sociedade Partenon Literário em 1869, e que aos poucos vai se consolidando, tendo o *Corimbo* como um importante aliado. Uma prova disso é o artigo de Joaquim Navázio, “O

²⁷ EXPEDIENTE. *Corimbo*. Rio Grande, ano 1, n. 1, p. 3, jun. 1885.

²⁸ M. Crônica mensal. *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 6, p. 15, nov. 1885.

Corimbo. Revista de D. Revocata H. de Melo”, primeiramente colocado em letra de forma em São Paulo, sendo depois reproduzido no próprio periódico rio-grandino:

Pois bem, sobrepuja entre as ilustres mulheres brasileiras a Exma. Sra. Revocata H. de Melo do Rio Grande, a cujo cargo está a publicação do *Corimbo*.

É uma revista mensal de dezesseis páginas de ouro e jóias as mais preciosas; e como na planta homônima há disposição de flores e frutos, que se levantam do pezinho à mesma altura apesar de sair de pontos diferentes; assim as Sras. colaboradoras da mesma publicação, são uma corola brilhantíssima, alinho loução da imprensa brasileira.

Nos congratulamos pelo restabelecimento da preciosa saúde da Exma. Sra. Revocata e esperamos, que por muitos anos embeleze com os perfumes do seu *Corimbo* a sua amada e gloriosa pátria.

O *Corimbo* se publica no Rio Grande – Rua General Netto – número 69 – Trimestre dois mil réis.

Outro demonstrativo da grande circulação são os agradecimentos pelo envio de jornais, registrados quase todos os meses na coluna “Expediente”. A estratégia de Revocata era endereçar o *Corimbo* para periódicos localizados em todo o Brasil, à guisa de divulgação, e em retribuição eles expediam seus respectivos exemplares à redação, o que formou um extenso grupo de homens e mulheres que se conheciam e se liam por meio do intercâmbio jornalístico, trocando elogios, opiniões e favores. Por exemplo, não é à toa que um fato envolvendo J. Guelfreire, redator do *Correio de Santos* – são enviados “sentidos pêsa-mes” a ele, não se explicitando exatamente o que houve – é notícia em Rio Grande, nas páginas da edição número 9 do *Corimbo*, em fevereiro de 1886.

A lista de jornais relacionados na seção “Expediente” nos três primeiros anos (1885-1887) do periódico é extensa e comprova sua diversidade pelo número de regiões citadas. Como exemplo de alguns

nomes e suas respectivas cidades (ou Províncias), tem-se: *Operário* e *O Contemporâneo*, de Porto Alegre/RS; *A Ideia*, de Cachoeira do Sul/RS; *O Porvir*, de Santana de Livramento/RS; *O Crepúsculo*, de Dom Pedrito/RS; *O Campeão*, de Santa Catarina; *O Século* e *A Estação*, do Rio de Janeiro/RJ; *O Brasileiro* e *Democracia*, de São Paulo/SP; *Correio de Santos* e *O Piratini*, de Santos/SP; *Gazeta de Taubaté*, de Taubaté/SP; *Pitangui* e *O Parasita*, de Minas Gerais; *Regenerador* e *Barão de Macaúbas*, da Bahia; *Cruzeiro*, do Ceará; *O Meteoro*, de Vitória/PE; *Lincoln*, de Maceió/AL. A partir de 1889, cria-se a coluna fixa “Recebemos”, com a função de noticiar quais os periódicos enviados às irmãs Melo. Curioso, nessa época, é o fato de a seção, muitas vezes, nominar os jornais que chegavam de “colegas”, como se fosse o próprio *Corimbo*, personificado, quem escrevesse o texto. Em anos subsequentes, arrefece-se o intercâmbio, o que acarreta o fim dos relatos dos títulos que acorriam à redação.

De jornais ilustrados estrangeiros, em espanhol e em francês, contam-se *El Salón de la Moda*, *Ilustración Artística*, *Guia del Emigrante Español en el Uruguay* e *La Vie Parisiense*. Em geral, a alusão aos periódicos era sucedida por uma série de louvores à qualidade do volume em questão. Em setembro de 1885, além dos aplausos, o responsável pelo “Expediente” lançou os seus “protestos de indelével simpatia e gratidão pela delicada forma por que receberam as últimas visitas do frágil *Corimbo*”²⁹. Além de jornais, também livros eram enviados, como *Ardentias*, de Vicente de Carvalho; *Melro*, de Guerra Junqueiro; *Último dia de um condenado*, de Victor Hugo; e *Graziela*, de Lamartine.

Frequentemente, os poemas e contos publicados traziam epígrafes de autores reconhecidos ou faziam alusão a produções anteriormente aparecidas no próprio periódico: era comum o título “Em resposta à carta (ou ao poema) da edição passada do *Corimbo*”. Muitas vezes, também, estampavam-se versos dedicados a Revocata Heloísa de Melo ou a Julieta de Melo Monteiro, escritos por algum admirador

²⁹ EXPEDIENTE. *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 4, set. 1885, p. 3-4.

longínquo, em gratidão ao trabalho que elas dedicavam às letras brasileiras; ainda como agradecimento, retratos das duas irmãs ilustravam outros periódicos, conforme se noticia em determinados momentos. Em outros casos de intertextualidade, imprimiam-se ora artigos, que lamentavam as mortes do francês Victor Hugo ou do gaúcho Hilário Ribeiro, ora poemas, que homenageavam obras e autores clássicos da literatura latino-americana, como *Martín Fierro*, no poema em espanhol “Peregrino do Prata”, de Zubiria, ou Machado de Assis, no poema “Ao corte do Machado”, de Demerval da Fonseca, composição transcrita na íntegra a seguir:

O velho molde, antiquado,
D'inchada literatura
 Foi-se aos golpes do Machado
 Vibrados por mão segura.

Romancista: fez *Helena*,
 Fez também *Iaiá Garcia*;
 Pondo *Brás Cubas* em cena,
 Fez também filosofia.

Fez *Falenas* e fez *Crisálidas*;
 fez versos a fundo;
 Se na véspera tem nascido...
 Teria feito este mundo.

Poeta... Sabeis que é raro
 O que com ele se agarre.
 No lirismo doce-amaro
 Que o fez o nosso Gayarre...

Que ele é quase este cantor
 Sabe-o ele e ele o diz:
 “Pois se dá dós o tenor
 “Ele Machado... d'Assis”.³⁰

³⁰ FONSECA, Demerval da. Ao corte do Machado. *Corimbo*, Rio Grande, ano 2, n. 16, p. 8, out. 1886.

A revista apoiava-se em especial na literatura: aqui, cabe ressaltar a supremacia do gênero lírico, presente em quase todas as edições; após, seguem-se a crônica, o conto e a crítica. De dramas não há nenhuma ocorrência, apesar de Revocata e Julieta serem cultoras do teatro. Um exemplo de crítica literária, vazada nos moldes da época, impressionista e recheada de adjetivação positiva, é “*Violetas: poesias de D. Maria Helena Câmara de Andrade Pinto. Rio de Janeiro, 1887*”, texto de autoria de Damasceno Vieira, que comenta o livro de versos da escritora gaúcha Maria Helena:

Haja a ilustrada conterrânea de relevar o abuso de confiança que hoje cometo chamando a atenção pública para as VIOLETAS, que por tantos anos viveram modestas e retraídas, só espargindo perfumes no lar em que brotaram.

Em presença de seu livro, corria-me o dever de colocar o simpático nome de Maria Helena Câmara de Andrade Pinto a par do de Delfina da Cunha, Rita Barém de Melo, Amália Figueiroa, Julieta Monteiro, Revocata de Melo, Clarinda de Sequeira, Luísa Cavalcanti e outras autoras de mérito que honram a minha terra natal.³¹

Se a literatura era o sustentáculo do periódico, o resto das páginas dividia-se em seções mais ou menos fixas, com assuntos variados: expediente, noticiário, moda, charadas, pintura, imprensa, educação, textos sobre a condição da mulher na sociedade, artigos de exaltação a personalidades recentemente falecidas ou que estivessem comemorando aniversário, editoriais que expunham o pensamento norteador das diretoras, notas sobre livros lançados, reprodução de palestras, noticiário com a resenha dos fatos do período, ensaios históricos e biográficos.

Entre os anos de 1891 e 1893, destaca-se, pelo humor, pelo prosaico e por marcar a integração entre os autores do periódico, a coluna “Galeria do *Corimbo* – Retratinhos”, assinada por “O Pincel Ignoto”, não

³¹ VIEIRA, Damasceno. *Violetas: poesias de D. Maria Helena Câmara de Andrade Pinto. Corimbo*, Rio Grande, ano 3, n. 27, p. 5-10, out. 1887.

sendo possível identificar o autor por trás do pseudônimo. Entre os colaboradores do *Corimbo* que tiveram seus “retratinhos” desenhados jocosamente pelo “ignoto” pintor, figuram³²: M. (o “Retratinho” n. I), Aldina Correia (II), Ibrantina de Oliveira (III), Tito Canarim (IV), Cipriano Porto Alegre (VI), Damasceno Vieira (VII), Cássio (pseudônimo de Arlindo Correia Leite, VIII), Luís Canarim (IX), Dr. Ângelo Dourado³³ (X), Índia (XII), Joca Malandro (XIII), Domenico Calicchio (XIV), Abílio de Freitas (XV), Antônio J. Ferreira de Campos (XVI), França Pinto (XVII), Dr. Joaquim Navázio (XVIII), Dr. Correia da Câmara (XIX), Eduardo Santos (XX), Ramalho de Campos (XXI), Inês Sabino (XXII) e Ferdinando Martino (XXIII).

Aldina Correia, Cipriano Porto Alegre, Cássio e França Pinto, em edições subsequentes àquelas em que são “biografados”, comentam e agradecem a lembrança em pequenos textos, em prosa ou verso. Um exemplo é “Ao Pincel Ignoto”, composição de Aldina Correia:

Não sei quem traçou com pena
Tão primorosa e gentil,
Mimosa como a falena,
O meu modesto perfil.

Não sei, porém reverente
Ante tamanhos louvores,
Minh'alma pura, inocente,
Só tem p'ra mandar-lhe flores.³⁴

³² Não foi possível localizar os “Retratinhos” de números V e XI.

³³ Hilda Flores escreveu um artigo comentando a colaboração do baiano Ângelo Dourado no *Corimbo*. Ele, por muitos anos, morou no Rio Grande do Sul, inclusive tendo participado, como médico, da coluna de Gumercindo Saraiva, na Guerra Civil de 1893, ao lado dos federalistas. Escreveu, sobre o período, o livro *Voluntários do martírio*, de 1896. V. FLORES, Hilda Agnes Hübner. Ângelo Dourado, colaborador do *Corimbo*. In: ____ (Org.). RS: cultura, história e literatura. Porto Alegre: CIPEL; Nova Dimensão, 1996. p. 37-42.

³⁴ CORREIA, Aldina. Ao Pincel Ignoto. *Corimbo*, Rio Grande, ano 7, n. 34, p. 2, 14 jun. 1891.

Mesmo procedimento tem França Pinto, com “Pincel Ignoto”:

Permite que penhorado
E cheio de gratidão,
A teus pés venha depor
“As rosas do coração”.³⁵

Como o enfoque da revista não era o noticioso, pouca atenção destinava-se a fatos políticos, sociais e econômicos importantes nas esferas estadual (Guerra Civil de 1893, ascensão de Getúlio Vargas a partir da década de 1920), brasileira (abolição da escravatura, proclamação da República) e mundial (as duas grandes guerras). Em artigo de 1889 que marca a volta do *Corimbo* ao seu formato originário, constata-se o desejo de permanência numa postura apartidária:

Com a primitiva forma, reaparece hoje o *Corimbo*, depois de uma longa ausência.

Deixando de ser publicado como revista mensal, torna a sua existência de folha semanária, atendendo aos desejos de muitos de seus leitores a quem deleita e agrada após os seis dias destinados à faina quotidiana, ao domingo pela manhã buscar leitura nas páginas de um periódico onde não existam cores políticas; onde sejam desconhecidas as questões pessoais, as mofinas, os editais, as posturas da Câmara Municipal, as seções livres, e muitos outros assuntos de interesse próprio, vulgares à imprensa diária, porém, seriamente abomináveis e nada recreativos.³⁶

A repercussão do cotidiano, no *Corimbo*, se dava, muitas vezes, via poesia, que se transformava, assim, num canal expressivo de conhecimento para o leitor. Exemplo disso é o grupo de cinco sonetos, em redondilha maior, intitulado “Tipos de casa”, em que Julieta de Melo

³⁵ PINTO, França. Pincel Ignoto. *Corimbo*, Rio Grande, ano 8, n. 94, p. 3, 21 ago. 1892.

³⁶ *Corimbo*, Rio Grande, ano 5, n. 1, p. 1, 15 set. 1889.

Monteiro prosaicamente desenha cada um de seus familiares, como o irmão Romeu, que recebe descrição de suas características físico-psicológicas no quinto poema da série:

Olhar expressivo, ardente,
Tez outrora cor de neve,
Hoje tostada de leve
Pelo sol vivo, esplendente.

Barba loura, mãos compridas,
Estatura de gigante,
Porte altivo, ar arrogante,
Resoluções decididas.

Gáucho por simpatia
Sabe andar com bizarria
No cavalo mais fogoso;

E quando parte p'ra fora
Vai alegre, porque adora
Das singelezas o gozo.³⁷

Todavia, havia momentos em que a literatura cedia espaço ao comentário que abordasse outra área do conhecimento. O texto na sequência, dirigido às “leitoras”, confirma o público-alvo da revista, embora ironize a alienação feminina:

Resta falar de política.
Da ascensão do partido conservador ao poder.
Das manifestações de alegria dos simpáticos monarquistas, e
das demonstrações de desgosto dos distintos liberais e briosos
republicanos.
Continuo, leitora?
– Que horror! – dizem elas.

³⁷ MONTEIRO, Julieta de Melo. Tipos de casa. V – Romeu. *Corimbo*, Rio Grande, ano 3, n. 33, p. 4, jul. 1888.

Então, eu que temo extraordinariamente cair no desagrado da leitora, peço licença para apertar-lhe a mão e recolho-me aos bastidores.³⁸

Talvez a notícia mais curiosa do *Corimbo* seja o artigo “Original contrato de casamento”, publicado no número de 15 de junho de 1901, que lista vinte e quatro itens que deveriam nortear o relacionamento do casal da cidade de Bagé, Ferdinando Martino e Honorina Gabriela de Almeida. Entre as várias exigências que são colocadas à esposa por Martino, há a de número 10, “A toda e qualquer hora da noite que o marido bater à porta irei abri-la e recebê-lo-ei carinhosamente sem indagar os motivos de sua tardança”, ou a 15, “Nas palestras de meu marido com seus amigos, só comparecerei ao seu chamado”. A noiva não aceitou o contrato, e Ferdinando Martino casou-se com outra moça, a qual aceitou os termos propostos. Entretanto, mais tarde, Honorina, que tinha contraído matrimônio com outro rapaz, separou-se do marido, tendo, após, pedido ao ex-noivo que lhe desse guarida em sua casa como cozinheira, no que foi aceita...³⁹

As assinaturas constituíam-se na maior fonte de renda do periódico. A forma de arremeter os leitores era a comum da época: enviava-se o *Corimbo* às residências e quem não desejasse assiná-lo deveria devolvê-lo no escritório da redação, indicando nome e endereço. Os que assim não procedessem, passariam a ser considerados assinantes. O preço da assinatura, nos primeiros anos, de 1885 a 1888, era de 2\$000 o trimestre, devendo o pagamento ser feito adiantadamente. O número avulso custava \$800. No último decênio do século XIX, a assinatura para o Rio Grande saía por 1\$000, mensalmente; e, para fora, 3\$000, trimestralmente.

³⁸ M. Crônica mensal. *Corimbo*, Rio Grande, ano 1, n. 4, p. 16, set. 1885.

³⁹ O “original contrato de casamento” está transcrito na íntegra em FLORES, Hilda Agnes Hübner. Original contrato de casamento. In: _____. (Org.). *Presença Literária 1994*. Porto Alegre: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul; Nova Dimensão, 1994. p. 49-56.

A partir de 1889, o *Corimbo* começou a estampar material publicitário na quarta página, divulgando casas especializadas nos mais diversos ramos, expediente que auxiliava, junto às assinaturas, no sustento da revista. De custos “extremamente reduzidos” para não-assinantes, os classificados eram gratuitos para os assinantes, sendo que, a partir de 1913, para os que desejassem anunciar, eram cobrados \$500 a mais na mensalidade. O uso de propagandas e de assinaturas como suporte financeiro de empreitadas literárias não compunha novidade na década de oitenta do século XIX, pois antes periódicos como *O Guaíba* (1856-1858) e *Murmúrios do Guaíba* (1870) já se valiam desses recursos⁴⁰. No *Corimbo*, aparecem anúncios de dentistas, médicos, professores e advogados, além de estabelecimentos como livrarias, colégios, funerárias, armazéns, sapatarias, entre outros. A seguir, dois exemplos, retirados da edição de 15 de março de 1891, escolhidos ao acaso entre os inúmeros disponíveis:

- “Gabinete dentário: o cirurgião-dentista Trajano Lopes acha-se à disposição de seus numerosos clientes e do público em geral, em sua residência à Rua Pedro II, n. 376”;
- “Advogado: o Dr. Fábio Alexandrino dos Reis e Silva pode ser procurado para os misteres de sua profissão, em seu escritório à General Osório”.

⁴⁰ Outra forma de sustentação do *Corimbo* partiu de aportes financeiros provenientes da Maçonaria, com quem Revocata Heloísa de Melo possuía fortes vínculos. O primeiro registro da ajuda dos maçons se encontra em edição do *Corimbo* de 1917. V. VIEIRA, Míriam Steffen. Op. cit. p. 76-77. Outras atividades também ligadas às letras das duas irmãs foram a colaboração em outros jornais que não o *Corimbo* e o magistério, conforme se pode ver em anúncio assinado por Revocata e Julieta, e publicado no próprio *Corimbo* ao longo do ano de 1891: “Ao público participam as signatárias, que em sua aula de instrução primária aberta em princípios do ano p. p., e que funciona à Praça do Barão de São José do Norte, n. 52, esperam continuar a merecer dos Srs. pais de família a confiança que durante esse pequeno período de tempo lhes tem sido largamente dispensada”.

Tendo em vista o que foi delineado, é possível vislumbrar o *Corimbo* como de perfil plural: reflete em suas páginas os momentos estéticos pelos quais atravessou e dá vazão às diferenças formais e temáticas verificadas nas mais variadas escolas e nos estilos próprios de cada um dos escritores que colaboraram com artigos, crônicas, contos e poemas. Nesse sentido, a revista foi o repositório de uma boa parte da produção literária brasileira, guardando em suas páginas textos tanto de autores célebres como de anônimos, o que aponta para a paulatina sofisticação do sistema literário sulino, assim como para o fortalecimento do mercado editorial do Rio Grande do Sul.

As composições impressas na folha rio-grandina, em geral, apelam à memória cultural dos receptores e ao autoelogio, estratégias comuns num grupo literário em busca de reconhecimento. Sendo assim, destacam-se, no processo, a legitimação das atividades literárias de determinados autores, por meio de relações intertextuais estabelecidas entre os letrados, de modo a favorecer o seu credenciamento como escritores, e a autocultuação e a atitude cordial entre seus membros, ou seja, a formação de uma espécie de rede de mútuo apoio aos colaboradores que gravitavam em torno do *Corimbo*, como deixa entrever, por exemplo, a série dos “Retratinhos”.

PUBLICAÇÕES DA AUTORA NA *VIOLETA*

Durante a pouco longeva existência da *Violeta*, Revocata Heloísa de Melo teve uma participação relevante. Ela foi a mais importante colaboradora no jornal editado por sua irmã Julieta. Com textos em prosa e verso, Revocata contribuiu significativamente com o intercâmbio de trabalhos, prática essencial da *Violeta* que viria a ser reproduzida em outras experiências editoriais das duas irmãs. Ainda que tal folha literária mantivesse a característica básica de constituir uma iniciativa praticamente unipessoal da jovem Julieta de Melo Monteiro, sua irmã acompanhou-a e auxiliou-a em muitas das etapas da elaboração do periódico.

Fosse sob a assinatura de seu nome, fosse sobre a rubrica de um de seus pseudônimos, Revocata de Melo foi a autora mais assídua dentre as colaborações enviadas para a *Violeta*. Seus trabalhos estiveram presentes na seção “Rosas literárias”, com escritos em prosa voltados à abordagem dos mais variados temas. Escreveu também no segmento denominado “Íris poético”, no qual, em menor escala, divulgava versos de sua lavra. Participou ainda da seção “Miríades”, na qual entabulava vários diálogos com as leitoras do jornal, mantendo um estilo mais coloquial, como se fosse uma verdadeira conversa, quase que informal e, por vezes, cheia de ironia, com outras mulheres que compunham a rede discursiva na qual as informações/opiniões emitidas pelo periódico gravitavam.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 31 mar. 1878. A. 1. N. 3.
Rosas literárias – Presságio (p. 1-2)

Era ao cair da tarde, hora das cismas languidas e suaves; os flocos vaporosos atufavam-se além no seio luminoso do ocidente.

A brisa passava de mansinho beijando os festões das trepadeiras que enlaçadas de madressilvas e campainhas azuis, molduravam a janelinha de um santuário de virgem.

Sob a copa de um frondoso jasmineiro, Heloisa imersa em doces cismas, enviava nas asas da saudade, um pensamento ao seu poético Abailard. Seu olhar profundo e merencório ia cair sobre um quadro que se divisava através dos vidros da solitária janelinha.

A fraca luz da tarde, que desfalecia pouco a pouco, caía de chapa sobre esse painel, onde viam-se os poéticos vultos de Paulo e Virginia trocando aquele solene adeus da dolorosa despedida.

Adeus de despedida! oh quanta página do livro do coração se despedaça nessa hora, em que sentimos num angustiar imenso, dor da ausência trucidar-nos as fibras da alma!

Direi como na frase do mavioso Thomaz Ribeiro:

Num adeus de despedida

Marcha sempre a flor da vida,

Chora sempre o coração.

*

* *

E Heloisa cismava.

A tarde ia morosa e bela.

Perto, à beira da praia, marulhavam as esquivas ondinas, as virações marinhas frisavam de leve o quieto espelho das adormidas águas.

Vinha de quando em quando, um ou outro gemido das melancólicas casuarinas que se debruçavam à margem do caminho, quebrar aquele silêncio banhado de infinita poesia.

*

* *

Já o derradeiro lampejo do sol havia desmaiado dentre as rubras cortinas do poente, quando Heloisa acordou desse letargo; e sob a lembrança dele do sonhado Abailard, procurou colher uma branca rosa que entreabria, aos primeiros beijos do relento. Porém a brisa num caprichoso sopro, dispersou as brancas pétalas da perfumosa flor. . .

Oh fatalidade! murmurou a moça, esfolhara-se a rosa e expirara o dia!

O bronze grave e taciturno, anunciava Ave-Maria; e além desdobrava-se o manto da sombria fada das noites.

Rio Grande, 1878.

REVOCATA H. DE MELLO.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 14 abr. 1878. A. 1. N. 5.
Rosas literárias – Noturno (p. 1-2)

FORGET MI NOT

I

Sim eu vi-te pela vez primeira em uma melancolia tarde de agosto
lembras-te?

As densas camadas de neblina caíam lentas desdobrando espessa cortina, o sopro glacial do rijo norte sibilava impetuoso, algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera, e ao longe muito ao longe reboava o surto eco do horrído trovão.

Meu Deus que tarde tempestuosa aquela, lembras-te?

Tu me apareceste sombrio e tétrico qual outro Hamlet, tinhas os lindos cabelos em desordem o rosto banhado de extrema palidez e o olhar iluminado pelo calor da febre.

Vinhas envolto em uma longa capa e as botas cobertas pela poeira das estradas atestavam que havias a pouco chegado de alguma longa jornada, lembras-te?

Depois...quando a tempestade passou, tu havias desaparecido também; onde foste?

Não sabias que teu poético vulto deixaria em mim uma indelével impressão?

Para que partiste se a tempestade ficava em minha alma?

II

Correu o tempo, volverão as quadras das flores e dos gelos, as andorinhas voltarão mas tu não vieste; onde pairavas? seguias como um pássaro errante? quem sabe?

Depois um dia tornei a ver-te. Lembras-te?

Trocamos um olhar longo e profundo.

Então passas-te junto a mim talvez pela última vez e deixando cair na fimbria de meu vestido branco a flor do miosótis murmuras-te baixinho, não te esqueças de mim.

Foi a última vez. Lembras-te?

Rio Grande.

HERMENGARDA

#####

VIOLETA. Rio Grande, 21 abr. 1878. A. 1. N. 6.

Rosas literárias – Hosana! (p. 1)

Os soldados por terra jazem aterrados, as mulheres sorriem por entre lágrimas, à voz da terra que murmura: – “Ressuscitou não está

aqui! –” Longínqua ainda se escuta a última nota do cântico de glória, que no espaço murmuram vozes angélicas: pois Ele, cumprida sua augusta missão, consumado o tremendo sacrifício, radiante e majestoso, ode ao seio de seu eterno Pai!...

E a natureza desdobra o seu aspecto imponente.

Por entre rolos de carmíneos e doirados gases, desponta o astro diurno.

Rompe alada orquestra as harmonias do hino da madrugada, o tímido euro, nas folhas da parasita, saudoso tange a fantástica surdina; e nossas almas em saudoso e indizível arroubo aspiram ventura ao místico perfume das flores que entreabrem!

Abril de 78

R. HELOIZA DE M.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 21 abr. 1878. A. 1. N. 6.
Miríades – Às leitoras (p. 3)

Estou hoje um pouco propensa à tristeza, não sei se será isto devido a impressão dos solenes mistérios, que desdobram sobre esta época tão lembrada para os fiéis, um lutuoso véu banhado em lágrimas de crentes e arrependidos...

Que querem? Trouxe do berço estas ideias, não me fazem impressão certas teorias novas; vá quem quiser procurando as trevas, que eu irei sempre em busca da luz.

*

* *

Mas então concluídas as trevas, e tanto que para ser mais perfeita, esplêndida e suntuosa luz, a sociedade desta cidade, exulta por receber

hoje em seu grêmio, os simpáticos e ilustrados publicistas, senhores Machado Tavares e Theodosio Martins Lecour e Menezes.

Assim é, que muito coração que sentia se despedaçar ao saudoso crepe que os envolvia, vê de novo raiar uma aurora rociada de doces esperanças!

*

* *

Foram ao benefício da exímia Emília Adelaide? Como esteve ela sublime! de arrebatador o entusiasmo, o imenso auditório!

Salve, a gloriosa atriz, que por onde desliza deixa impagável rastro; e nos corações, infinita recordação e saudades.

*

* *

A misteriosa Estrela de quem há dias falou na crônica, a Marieta, continua a gravitar em torno de seu planeta.

*

* *

Na praça municipal quem há que não tenha notado os ternos e expressivos olhares, que aquela moça pálida e de olhos lânguidos, lança ao simpático Art...L...

*

* *

Aquele elegante filho de Marte (não o do botão de rosa, o outro) continua incompreensível, tem dias em que parece transbordar de alegria, outros em que uma tétrica nuvem o envolve, tornando-o até sombrio. Qual o motivo? Esperamos que a jovem A... nos traduza algumas páginas do seu livro íntimo.

*

* *

Sei também que a mimosa flor que vive em seco terreno, expande mesmo assim, deleitável e puríssima fragrância, o gracioso e vivíssimo matiz, que a mente exalta e arrouba do jovem C.

Participo-vos que a graciosa e bela M. Jus...foge-nos, deixa os pueris brincos de moça, para seguindo o seu dileto sonho, povoar o espírito de mais sérios cuidados.

Que seja feliz, é o nosso ardente voto.

*

* *

Ontem dizia-me um jovem.

"Feliz daquele que conquistou o coração de sua amiga, da encantadora e severa M. do Car... , eu daria metade de minha vida por vencer a esse odioso mancebo!

"Oh! creia que seria uma glória maior que todas as de César!"

E eu impassível a ouvi-lo, a receber esta estranha confidência!

E ele, ignorando inteiramente os assomos desta miniatura de Othello.

Tremo pelo mísero rival!

Aqui faz ponto a

HERMENGARDA.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 28 abr. 1878. A. 1. N. 7.
Iris poético – No álbum da Exma. Sra. D. Maria Rosália
Pereira (p. 3)

É bela no espaço vago
A nuvem gázea e medrosa,
Da relva nos tabuleiros,
Destaca-se a cor da rosa.

Do manto longo e sidéreo,
Realça a luz das estrelas:
Na face d'argênteo lago
Marinhas flores singelas...
E vai saudoso mas belo
Do nauta o canto noturno;
Em túbio frouxo murmúrio,
Qual voz do gênio soturno!

Reboa a voz dos levitas
Do templo à mística nave,
E repercute das crenças
À virgem, das virgens – Ave!

Há nesta vida belezas
Tão puras tão sem igual,
Relevo do mais perfeito,
Formosas sem rival:

Tal é a diva candura,
Gentil e meiga donzela,
A refletir-te na face,
A par de uma alma singela!

Feliz que possa acolher-se
À sombra dos teus afetos;

No livro d'alma inscrever,
Um nome dos teus diletos!

Abril de 76

R. HELOIZA DE M.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 5 maio 1878. A. 1. N. 8.
Iris poético – À Julieta (p. 2-3)

Ai irmã, que saudade tamanha,
Para sempre minha alma acompanha
Qual chorosa tristonha visão:
Mesmo em meio dos gozos da virgem
Vem-me às vezes sombria caligem,
Desmaiar tão rosada ilusão!

Tua imagem é sempre a meu lado,
Como d'antes no tempo passado,
Arroubada no mesmo sonhar;
Vendo a flórea estação dos amores,
Quando além se desdobra as cores,
De uma aurora de lindo raiar.

Quando as duas nas horas caladas,
Junto à mesa d'estudo assentadas,
Uma a outra tomando a lição,
Vinha meiga um sorriso de fada;
De mamãe, nosso anjo da guarda,
Nossa cara e perene afeição.

.....

Sim vivamos irmã carinhosa,
 Com as lembranças da quadra ditosa,
 Leda infância banhada de luz;
 Recordando o sonhar de criança.
 Quanto ao astro de doce esperança
 Nossas crenças brilhavam à flux.

Rio Grande – 78.

REVOCATA H. DE MELO.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 5 maio 1878. A. 1. N. 8.
 Miríades – Às leitoras (p. 3-4)

Tem sido esta uma semana, em que muita lágrima tem vertido a natureza, não é verdade?

São núncios do inverno que se aproxima tristonho e choroso, distendendo pelas derradeiras belezas do audoso outono um sombrio véu de gélidas neblinas.

Ai! como eu suspiro pelas calmosas noites da estação florida! Verdade é que há muita noite hibernal bafejada pelo gênio da poesia.

Quando a copiosa chuva despenha-se em frementes catadupas caindo rumorosa sobre o lajedo das calçadas e as rajadas de gélido sopro passam assoviando melancolicamente, lá dentro sob o teto do lar, na doce paz da família, oh! Que amenos serões!...

*

* *

E por falar em chuva, lembrei-me; como passarão as horas da noite de domingo?

Sem que o tempo as deixasse apreciar a inspirada Emília Adelaide, ou acedendo aos desejos do coração ir gozar por algumas horas o passeio da praça Municipal.

Distraíram o espírito por outra forma; não?

Pois foi o que fizeram cinco moças e três moços que se reuniram em uma casa de família bem nossa conhecida.

A jovem A...um pouco pensativa e suspirosa, recordava o simpático Cor...soluçando no piano aquela vaga harmonia que por ele vibrava no saudoso violão, tanto a impressionava.

A J...a R...e a M...do C...ouviam atentas um belo romance que lhes narrava a simpática dona de casa.

A um canto da sala uma moça morena, cujo nome ignoro, parecia entregue a alguma secreto pensamento, que a levava para outras regiões...

O J...e o C...recostados à janela conversavam em confidência, enquanto o segundo, de quando em vez, lançava ternos olhares, a mimosa que trajava vestido azul com laços escarlates.

O R. recostado ao sofá em atitude de quem medita, tinha uma das mãos sumida na anelada cabeleira, e a outra descansada sobre o coração, e sorria uma ou outra vez, aos apartes que alguém soltava, cortando por vezes o fio da narração.

E assim passaram as horas dessa agradável noite, que apesar do meu tempo, deixou recordações não menos saudosas, que as que vivem ainda, de outras passadas tão agradavelmente como esta.

Muitas coisas tinha ainda a dizer, porém por hoje silencio!

Hermengarda

#####

VIOLETA. Rio Grande, 12 maio 1878. A. 1. N. 9.

Iris Poético – À Laudocena L. Coelho (p. 2)

Das roseiras da existência.

És um botão desabrochando,

És alva gota de orvalho

Em rósea pétala brilhando.

Tu és a doirada folha,

Do livro dos querubins,

É a perfumosa grinalda

D'entrelaçados jasmims:

Tu és brilhante safira

Dos tesouros do senhor,

És áurea concha que encerra

Lindas pétalas de candor.

Tu és a canção dileta

Da lira dum trovador,

És a estrela cambiante,

Que irradia em seu fulgor:

Tu és a mimosa e sublime

Como um suspiro de amor,

És o símbolo da inocência

Trescalando grato odor.

Tu és um elo doirado

Dessa cadeia de amores,

Que enlaça a pura existência

De teus bons progenitores.

Rio Grande – 78.

REVOCATA H. DE MELO

#####

VIOLETA. Rio Grande, 12 maio 1878. A. 1. N. 9.
Miríades – Às leitoras (p. 2-3)

Estou triste; a Emília Adelaide deixou-nos, e o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia.

Quarta-feira por ocasião da partida do vapor, dizem que muitos olhos se encheram de lágrimas, o que achei imensamente razoável, visto que não se pode ver sem comoção fugir-nos a FELICIDADE.

O espetáculo de terça-feira esteve sublime; falamos apenas do desempenho que teve a importante comédia, O TARTUFO; quanto ao merecimento da mesma não ousaremos dizer coisa alguma, os ilustres nomes de Molière e Castilho são quanto basta para recomendá-la.

*

* *

Falemos agora da única novidade que lá colhemos.

Foi à subida do espetáculo, olha dizia um moço alto e moreno a quem não tenho o prazer de conhecer: Santos, reparaste naquele anjinho que estava no segundo camarote à direita. Pois bem, é a visão encantada dos meus sonhos, não tenho razão?

Se a pergunta fosse feita a mim, eu diria logo, oh se tem.

*

* *

Sabem, leitoras?

Ouvi há dias o bandoleiro M. . . dizer que na presente época não há quem alimente paixões em segredo; deixa-lo falar assim, que nós lhe dizemos: o bom julgador por si julga.

Nessa mesma noite houve alguém que parecia querer provar ao contrário; pois disse-me suspirando abafadamente:

Sabe? Aquela gentil Ade... da rua do bravo dos bravos, vai deixar-nos... essa perfumosa violeta, que ora encanta os sonhos e aspirações daquele, que cisma no marulhar das ondas, embalado pelas vibrações marinhas.

Oh! quanto ele é feliz!

*

* *

E...infelizmente a falta de espaço faz com que eu por hoje faça ponto.

Hermengarda

#####

VIOLETA. Rio Grande, 2 jun. 1878. A. 1. N. 12.
Rosas literárias – A música (p. 1-2)

A música predomina a toda criatura fadada ao sentimentalismo; prende, enleva, arrebatada em seus dulcíssimos enlevos!

Quem há aí que possa sem comoção, sem entusiasmo da alma, sem uma embriagadora impressão, ouvires esses sons do céu banhados de indefinível melodia?

Quer nos vejamos embalados por esse conjunto de doces harmonias, sublimes inspirações das fecundas imaginações de Weber, Beethoven, Spohr, Schubert, grandiosos cultores da divina música alemã; ou as imortais composições, do tão chorado cantor da Sicília, o mavioso Bellini; ou de Rossini, gênios desabrochados à voz da barcarola, lá sobre o decantado golfo italiano, ou mesmo na música dramática diletta de Auber, Gréty, Sulby, etc., nomes que legarão à França, gloriosas flores para sua coroa de artistas; é sempre a música a bela encantadora e formosa filha do céu!...

Não falo dessa música chula, das polkas ou habaneiras, executada apenas, para servir de passatempo; sons que vão-se com a vórtice da dança, sem encontrarem eco nos corações.

Falo da música que nos adormece em vaporosas cismas, dessas Óperas cujas exceções profissionais, prendendo-nos o espírito trazem total esquecimento dos objetos que nos rodeiam, para só vermos o executor em meio desse turbilhão de flores artísticas!

.....

Amo a música, ela que nos acompanha desde as faixas infantis até o último marco da vida!

Alegre, ruidosa, verdadeira nuncia de felicidade, quando preside as ridentes festas de batismo, casamento ou felizes aniversários, cujas datas são inquebrantáveis elos dessa cadeia de recordações, que tanto importa ao amor de família.

Plangente, soturna e fúnebre quando sob um véu de crepe, soluça em funeral doridas notas que unidas aos salmos mortuários, ecoam tristemente no tredo silêncio de lutuoso templo!

Ah! como eu te amo ó música inspirada intérprete dos anjo, e porque vagas tu na terra enquanto eles adejam lá no céu?

Doce irmã da poesia, tu fazes olvidar as dores, falando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas.

Salve! salve! formosa peregrina! Tu és encantadora sibila, que coroada de gloriosas palmas, segues, deixando inapagável e radiante rastro.

Revocata H. de Mello.

Rio Grande de 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 2 jun. 1878. A. 1. N. 12.
Miríades – À Penseirosa (p. 4)

Estava saudosa e ansiosa por conversar contigo.

Tinha que contar-te como vais ver, perdoa-me pois, se em primeiro lugar vou tratar de minha obscura pessoa: que queres, estou ainda sob a impressão de uma agradável surpresa que me afastou por um pouco do meu mundo de cogitações.

Recordas-te do meu Noturno?... singela fantasia publicada em um dos números da nossa Violeta?

Pois tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância, do ameno e inspirado cronista da *Ideia*, florescente periódico literário, que se publica na cidade de Santos.

A tão distinto cavalheiro a minha sincera e indelével gratidão, como tributo às suas tão honrosas quão animadoras palavras.

Quanto a novidades não são muitas minha querida, guardo-me para as festas do Divino Espírito Santo e para as almejadas noites de Santo Antônio, S. João e S. Pedro, tempo das belas reuniões familiares.

O que sei dizer-te, é que domingo passado, a Praça Municipal esteve animadíssima; parece que a flor da nossa esperançosa mocidade havia afluído ali; foi então que tive ocasião de notar que a jovem e interessante Ceci... era alvo das atenções daquele moço chegado aqui há pouco; seu nome acho desnecessário dizê-lo, pois ela bem sabe de quem falo.

O Candido Al... também creio que está preso pela força magnética, dos lindos olhos da gentil moreninha.

O simpático Palh... vacila entre duas deusas.

O Vasq... jovem elegante e bastante sério é verdadeiramente leal a bela Josep... com bastante desgosto de outras pessoas que mordem-se de certo PENSADOR muito devoto da missa na capela Conceição.

Adeus. Recuerdos da

HERMENGARDA.

P. S. – A nossa querida Americana pede-te para previnires A QUEM INTERESSAR, que esta é a última vez que nos ocuparemos do Zé tolo, pois as nossas amigas e favorecedores estão aborrecidíssimas de tal assunto.

Roga-te mais, que faças saber ao tal rapaz, (que pelo nome não perca) que a americana, autora do P. SCRIPTUM do n. 10 da *Violeta* não encontrando nele habilitações para contendias literárias, só lhe responde com as seguintes palavras do ilustre Marquês de Maricá.

“Os insignificantes são como os mascarados, audazes por desconhecidos.”

H.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 16 jun. 1878. A. 1. N. 14.
Miríades – À Marieta (p. 3-4)

Ao lembrar-me da carrancuda atmosfera de domingo de Espírito Santo, ainda suspiro, maldito tempo que tão belos projetos derrubou; ainda assim a festa esteve esplendidamente bela.

Contou-me a Car. . . algumas DEVOÇÕES que por lá se deram, dois mancebos que a porfia buscavam um olhar da espirituosa menina, que desabrocha entre floridas Silvas, e um bravo de marinha, que alcançou a conquista a tanto almejada, isto é, os sorrisos da moça que trajava vestido de gorgorão azul guarnecido de rendas.

E assim como estas muitas outras.

Agora vou falar-te de uma reunião em que estive em noite da santo Antônio; foi esta em casa de uma distinta família, moradora naquela praça encantadora para alguém.

Não fazes ideia que aprazível noite! Entre uma sociedade pouco numerosa, porém muito escolhida.

Houve dança, – sortes – consulta ao – Oráculo de Delphos – e fez-se o jogo dos cartões, entre perguntas e respostas.

Daí colhi alguma coisa de que vou fazer ciente.

Havia por lá um poeta bem nosso conhecido, que muito concorreu para que esta noite deixasse saudosas recordações. Repentista consumado, de momento a momento improvisava espirituosas estrofes.

Devido ao tal filho das musas, notava-se o que quer que fosse de terno, nos olhares da elegante moça de TOILETTE verde com laços de veludo preto.

E não sei se por acaso ou combinado o jovem distribuidor dos cartões, quando dirijo-lhe a pergunta, o fez com toda a expressão dizendo:

Dos olhos do tal poeta

Foi que amor lançou-lhe a seta?

Ao que ela respondeu um pouco trêmula:

Então pergunta-me a mim?

Pois não digo não nem sim.

Também ao guerreiro do botão de rosa tocou a vez de interrogar, o que fez pelo modo seguinte:

Ama aquele moço ausente,

Ou a mim que estou presente?

Ao que a moça do PINCE-NEZ (a da camélia branca no cabelo) respondeu com toda a graça:

Pergunte à moça gaiata

A quem me deu a serenata.

O moço de bigodes negros e abotoaduras com símbolo da fé, fez a seguinte pergunta, à moça de coração de gelo:

Leu acaso na minha alma,

E pretende dar-me a palma?

Tendo a decepção de ouvir esta resposta:

Deixe de disparates,

Vá para casa dos orates.

Assim como esta, tivemos outras muitas, dignas de mencionar-se.

Asseguro-te que fez impressão a moça do vestido preto e camélias róseas nas tranças, a certo Hamlet que por lá andava, sombrio até na

lúgubre poesia que recitou ao piano!

O moço de calças cor de flor de alecrim, e perpétuas brancas no peito, ficou pensativo e desapontado, quando nas sortes de casamento ouviu pronunciar o nome de D. Jul. . . Mo. . . , e contra sua expectativa ser lido o nome de outro cavalheiro, nada desejado por ele.

O S. e o Mac. . . , contaram os elogios feitos por um cadete, a pouco chegado aqui, a loura Jul. . . flor que encanta as vistas, lá para o lado da Maçonaria; assim como de certa paixão muito romanesca, alimentada a muito pelo constante Emi. . . So. . .

Enfim, se te fosse a enumerar tudo quanto vi e ouvi, não haveria espaço que chegasse.

Assim faço ponto.

Tua Hermengarda

P. S. – Esqueci-me dizer-te, que não percas ocasião de dares os parabéns às velhas ARREBICADAS pela descoberta feita por um célebre químico, e apresentada na exposição em Paris.

“O meio de conservar uma primavera eterna.”

Elas, as cujas que aproveitem.

H.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 7 jul. 1878. A. 1. N. 17.
Iris poético – Fragmento (p. 3)

Assim como das dobras do poente
Se desatam as nuvens purpurinas,
Também do negro seio do infortúnio
Sobem aos pés de Deus preces divinas:

Quando e rígido sopro da desgraça
Nos arroja nas trevas da agonia,
Buscamos com afã no lenho sacro
Áurea crença do céu, que nos sorria:

Se fanados os sonhos de nossa alma,
Desmaiada a centelha que os seguia,
Alentamos ainda uma esperança,
E prostrados ao filho de Maria:

A ele o grande mártir do calvário,
O Homem Deus, o sábio Redentor,
Aquele que remiu-nos do pecado
Ao suplício, morrendo – por amor! –

Feliz pois o romeiro desta vida,
Que expira murmurando uma oração:
E jamais entre as lutas com o destino
Se olvida dos deveres de cristão.

Revocata H. de Mello

Rio Grande – 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 14 jul. 1878. A. 1. N. 18.
Rosas literárias – Ao passamento de Antônio Carlos de
Castro Filho (p. 1-2)

Era uma flor de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céu de inverno murchou.

ÁLVARES DE AZEVEDO

O teu nome jamais foi esquecido por mim, falava à minha alma dessa quadra feliz e deleitosa, que só uma vez na vida nos é dado gozar.

Ó, infância! Estação de rosas; alvorecer de um dia de verão.

Quando uma saudosa reminiscência desdobrava ante meus olhos, a rosada tela desse luminoso passado de crença, via-te sempre, companheiro inseparável dos meus brincos infantis!

Então meu coração suspirava.

O destino levava-te para longe, destruindo assim o santo laço de uma amizade fraternal. . .

Mas ai! hoje que de novo volveste à terra natal, vieram as brumas da noite tumular, surpreender-te em meio da ramagem!

Agora que tão belo coroava-te a fronte o resplendente sol da mocidade, irmão, por que foste adormecer sobre o colo de pálido anjo da morte?

Bem cedo descambou a tarde, estendendo por um infinito nublado o crepúsculo eternal; assim perdeu-se de entre as brumas, o batel dos teus sonhos de moço.

Esfolharam-se as flores da esperança, nunca mais sorrirás à luz da vida, ideando um porvir.

Nem ao menos na hora derradeira, misturaste aos palores mortuários o ardente beijo de extremosa mãe!

Pobre mancebo, quem sabe? que poema de concepções sublimes, lhe falava no peito juvenil?

Meu Deus! quão treda é a noite do mistério, a campa é um segredo impenetrável; dorme pois viajor, após as trevas, divisarás um mundo dourado em turbilhões de luz. . .

Além está a plaga santa, sorri-te para Deus!

E ali sobre a tumba, onde descansa teu corpo envolto em frio sudário; deixa que eu esfolhe uma lagrimosa saudade, relembrando a passada infância!

Adeus!

Revocata H. de Mello

Rio Grande – Julho de 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 14 jul. 1878. A. 1. N. 18.
Num livro (p. 3)

Não posso escutar em teu formoso livro
Soletrar uma nota de harmonia
Um sonho uma ilusão;
Falar-te das belezas que irradiam
Da aurora que deslumbra a mocidade
Se eu amo a solidão.
Se minha alma como a flor das boas-noites
Entre abre nas sombras merencórias
Do véu crepuscular;
Tristonha como o canto do barqueiro
Perdido além por solidões longínquas
Em noites de luar.
E mesmo como o lírio das encostas
Empalidecido às hibernais tormentas
Pendido aos vendavais!
Terna como um adeus de despedida
Banhado das lembranças tão saudosas
Dos lares paternais.

.....

Não, não posso cantar! num chão de goivos
Alveja dentre as ramas do salgueiro
A lápide fatal..

Cedo bem cedo empalidecido arcanjo,
Levará meu suspiro derradeiro
A mansão eternal

R. Heloisa de Mello

Rio Grande - 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 28 jul. 1878. A. 1. N. 20.
Miríades - À Cismadora (p. 4)

Então que é de ti? acaso emudeceste com os gelos da presente estação?

Nem uma linha sequer me tens escrito, cedo veio-te o indiferentismo pelo que vai por esta boa terra, ainda há pouco tão querida por ti.

Conservei a esperança de que virias pelas novenas e festa do Carmo, passares em minha companhia, mas qual, foi em vão esperar.

Enfim ainda desta vez vai esta cartinha, veja lá se fica sem resposta, olha que amor com amor se paga.

Se bem que no dizer do poeta:

O amor é como aragem que murmura

Da tarde no cair,...

Não, não devo continuar, quem poderá crer no que dizem poetas mentirosos por devoção?

Mas... é verdade passemos a outro assunto.

Ainda guardas aquele retrato que roubaste de um livro de gravuras? Pois crê que há dias (no circo por ocasião da representação dos - Apóstolos do mal -), encontrei um moço tão semelhante a esse retrato, que por certo o original não o seria mais aquela mesma espaçosa fronte, e um olhar de pensador que tanto te falava ao coração: (dizias

tu) penso que com esta nova não resistirão a vir, mas apressa-te porque o tal desconhecido muito olhava para um camarote, onde havia uma formosa loura de olhos lânguidos.

Lembras-te daquela mocinha pálida, cujos negros olhos tinham uma expressão tão pouco vulgar? Pois sexta-feira passada à noite na igreja do Carmo ouvia confessar a uma amiga, que sentia-me apaixonado pelo jovem Antoni... Silva, e uma simpatia irresistível, dizia ela suspirando, talvez igual a esse efeito que dizes consagrar ao Adolp... Frei... mas é que tu és mais feliz que eu pois ele parece corresponder-te, tanto que todas as tardes passa lá pela rua da Imperatriz.

Eis aí a inconveniência de falar alto, fiquei eu sem querer sabedora de dois segredos.

Nessa mesma noite estive com o M... que veio a pouco da corte, disse-me ele que o Ferra... anda sempre melancólico com as profundas saudades que lhe desperta a lembrança da mimosa Georz... dou-lhe toda a razão pois ela parece-me que tanto tem de bela como de constante; feliz mancebo.

Disseram-me não sei se é verdade que a encantadora Her... breve cingirá a capela de flores de laranjeira, um futuro de rosas é quanto lhe almeja.

Por estas notícias poderás ver que o amor aqui ainda não caiu em desuso, como penso que acontece por lá. Adeus querida ansiosa, aguardo a tua resposta.

HERMENGARDA

P. S. Aí te remeto alguns números da “Gazeta Mercantil”, aonde encontrarás incertos os espirituosos folhetins, de que te falou o moço louro. São interessantíssimos, lê-los com atenção, pois são da lavra do nosso ilustre comprovinciano e ameno poeta Dr. Lobo da Costa.

H.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 4 ago. 1878. A. 1. N. 21.
Rosas literárias – A ti... (p. 2)

Quando a noite vai profunda,
Não te apraz o meditar?
Do passado gratas cenas
Não te é doce lembrar?

Foi um sonho? talvez.
Estávamos à beira-mar, crepitava aí o facho da poesia.
Além pela tela da amplidão estendiam-se nuvens pardacentas; a noite
desdobrava um manto frio e nebuloso, e a lua dentre um círculo
precursor de tormenta, mostrava-se farta.
Lá muito ao longe o oceano gemia enfurecido.

*

* *

Simeu cismava tendo a fronte pendida nas mãos que estavam gélidas.

Tu lias-me o teu livro do coração.

O fresco das aragens do mar tornava-te tão pálido, tão pálido meu Deus!

*

* *

Súbito uma ave de agouro esvoaçou dentre nossas cabeças, soltando três gritos horríveis e tétricos; eu estremeci de medo, deixando nesse momento cair no seio das ondas uma flor que me havias dado, e que guardava como relíquia.

*

* *

Ainda me lembra, ficamos longo tempo em silêncio, até que com voz tristonha pediste-me se um dia no futuro voltares aqui recorda-te de mim.

*

* *

A lua de novo ocultou-se.

A viração soprou mais forte e o eco de um canto rude e melancólico rompeu aquela mudez sombria.

HERMENGARDA

Rio Grande.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 11 ago. 1878. A. 1. N. 22.
Rosas literárias – Zulmira (p. 2)

À***

Zulmira era formosa como as madonas de Guido, certamente Buonarrotte o estatuário florentino não lhe teria dado um perfil mais artisticamente belo.

Seus olhos suavemente banhados de doce languidez, eram dois diamantes ocultos na penumbra dos negros cílios.

Engolfada num turbilhão de quimeras ou loucas utopias atravessava este longo Saara a que chamamos vida.

*

* *

Um dia “ele” tão belo como o lúcido ideal de suas criações de donzela, passou em seu caminho, e talvez como o judeu da legenda hebraica deixou inapagável rastro de dor e desolação.

*

* *

E ela amou-o como Julieta e Romeu o sonhador, por ele ideou em dourados sonhos as decantadas noites de Veneza, a seu lado atravessar o azulado golfo ao som das arrebatadoras volatas dos noturnos menestrelis.

Sonhou molhar os ardentes lábios nas inspiradoras águas da fonte de Voncluse, relembando ali os inditosos amores de Laura e Petrarca. Mas... foi tudo uma deplorável ilusão.

*

* *

Zulmira era um anjo... e “ele”... parecia-se àquele viajante de que fala a balada alemã, que o satanás vendera sua sombra.

Assim ela foi como a flor que desbotoa pela manhã e a tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave essência.

“Ele” infeliz preciso que vaga pelas sombras da noite em busca de perdão.

HERMENGARDA

Rio Grande – 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 18 ago. 1878. A. 1. N. 23.
Rosas literárias – Juramento de um dia (p. 1-2)

(NARRATIVA)

À Julia Figueiroa

Jaime e Emelina viram-se pela primeira vez ao cair do crepúsculo, soava Ave-Marias, o sol a muito que se atufara além; nos longes das serranias, no imo do bosque o sabiá soltava a derradeira nota de seu canto repassado de saudade.

Emelina encostada ao peitoril da janelinha de seu gabinete, fitava melancolicamente a empalidecida face da sultana das noites, o espírito abandonara-se às suas fantasias de moça, buscando com afã o almejado ideal, uma alma irmã da sua, e assim repetia ela esta estrofe de João de Aboim:

É difícil meu Deus sobre a terra
Almas duas iguais encontrar,
Uma vez encontradas, por força,
Força oculta as terá de ligar.

Oh! Emelina tinha razão, quem há que na florida quadra da mocidade não suspire por um doce amor, como diz Hallevy:

Coração sem amor é jardim sem flor.

Quem não aspira encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio desse sentimento que Pigmaleão tanto almejou para a sua formosa Galateia.

Sentir os prantos de um infinito afeto, palpitar as adoradas sensações de um amor que se desabrocha puro e sincero, não é realizar um dos mais fagueiros sonhos da vida?

O amor para certas almas é uma necessidade uma das poucas ambições do homem que compreende a poesia do coração, almas a transbordar de sentimentalismo, repletas de emoções delirantes, ardentes, capazes de lançarem-se ao abismo num arroubo de paixão; é do amor que nasce a gemedora fonte de lirismo, sem ele os nomes de Laura, Beatriz, Natércia, Eleonor, e tantos outros não seriam imortalizados; felizes daqueles que o sabem divinizar, esses são os verdadeiros poetas; eu penso como Lopes de Mendonça; diz ele, “Não me admira que o amor puro e sincero, que a paixão vertiginosa e louca se vão encontrar nos romances de Frorian e nas poesias de madame de Desboulieres, nos pastorinhos que vagam com seus rebanhos pelos montes”.

Emelina era uma dessas criaturas, que importava que não tivesse a fronte abrasada pelas lavas da poesia se ela transbordava-lhe do coração?

Na aurora da vida quando vimos o horizonte dourado pelos clarões da felicidade, quando a existência desliza-se plácida e límpida, como as prateadas águas do arroio correndo dentre esmeraldinas margens, quando todo se nos apresenta através de um prisma encantador, ainda assim desejamos sempre a realização de um bem ignorado que muitas vezes por um feliz acaso se nos apresente qual fulgido astro deslumbrando os véus do porvir, ou ... passa rápido e fugaz deixando-nos para sempre imersos nas trevas.

Assim foi a aparição de Jayme à Emelina afastou-a deste mundo de cogitações, fitaram-se por um momento trocando um desses profundos e profundos e amorosos olhares que tão bem traduzem as páginas do coração.

*

* *

O tempo havia corrido, e na alma de Emelina o gelo de esquecimento não tinha de todo apagado a suave impressão causada por essa aparição momentânea.

Quando de novo o simpático vulto de Jayme transpôs aquele sítio; porém desta vez não passou qual fugitiva sombra, segou-o o fogo lançado por esses olhos ardentes enlanguescidos como nos da Haideia grega.

E quem poderia fugir à Emelina?

Jaime amou-a com delírio e paixão: a princípio a maldita duvida a horrída incerteza vinha de quando em vez povoar de sombras o gázeo firmamento que mais tarde a doce confiança tornou infinitamente luminoso; quantos planos de ventura, que sublimes devaneios fruíram essas duas crianças. E tão bela a quadra das ilusões porque há de passar tão breve? À tardinha Emelina cantava e Jaime acompanhava ao piano, nas longas e frias noites de inverno faziam amenos serões, enquanto Emelina e sua mãe bordavam ou costuravam, Jaime as distraía lendo-lhes as sublimes páginas de “Rafael de Lamartine”, ou a pedido da moça “as tristezas à beira-mar” de Pinheiro Chagas, e assim nesta doce união passavam os dias e os meses sem que o mais leve sopro frissasse o sereno regato onde se refletia esse grupo feliz.

Parecia que o gênio da tristeza fora para sempre expulso dessas benditas paragens.

(Continua)

Revocata H. de Mello

#####

VIOLETA. Rio Grande, 25 ago. 1878. A. 1. N. 24.
Rosas literárias – Juramento de um dia (p. 3-4)

(NARRATIVA)

À Julia Figueiroa

(continuação do número 23)

Uma tarde, porém, Jaime pareceu não estar tranquilo, um novo pensamento o preocupava: sentou-se perto de Emelina e lhe disse melancolicamente – escuta-me: – não sei por que veio um negro presságio alterar a minha serena ventura: tenho tanto medo de abandonar este paraíso, deixar-te; tu que foste o meu anjo salvador, a nevada pomba que coroaste meus sonhos como viçoso ramo da bendita paz; quão dolorosa me seria essa separação, quantas lágrimas e recordações; não é verdade? que vezes sufocada em prantos não irias falar de mim àquela estrela que como fanal de amor preside as nossas juras e protestos? E mais tarde quando esta fúlgida quadra, e a minha cismadora sombra perpassassem por tua lembrança já então embevecida por novas afeições não verterias uma saudosa lágrima? Mas não, que digo eu, perdoa-me Emelina, bem sei que o teu amor não é rosa de um dia só dia, não fiques melancólica e chorosa, esquece estes pensamentos, são sombras fugazes, já passaram, de novo cintila o nosso astro não como pálido reflexo do satélite, mas como cambiante clarão da estrela vésper; levanta a fronte Emelina.

– Oh, por que me falas assim Jaime, tenho medo desse presságio, bem sei que a estrela afugenta o bulcão, mas também quantas vezes o raiar de uma aurora esplêndida precede os densos nevoeiros? Quem me diz que esta felicidade não será um gosto transitório um sonho de que breve terei de acordar?

– Mas Emelina para que havemos amargurar estes preciosos momentos, a vida é curta não se desperdição as horas de ventura, não desanimes bem veremos realizado o nosso fagueiro sonho.

– Meu Deus que vida feliz lá naquela pitoresca casinha debruçada à beira do riacho, quando à tardinha formos passar à várzea, gozarmos os tépidos favônios à sombra das cangirenas, admirarmos a natureza, ver as róseas grinaldas de bromélias enlaçadas às frondosas sapucaias, ouvir o melodioso canto do sabiá oculto nos jambeiros, o gracioso bando de marrequinhas espanejarem-se nas lagoas vizinhas, e mais que tudo quando o campanário anunciar Ave-Marias ouvir de teus castos lábios a fervorosa oração do despedir do dia. Como eu serei

imensamente feliz a teu lado, que existência invejável não dourada pelo ouro, mas pela sagrada afeição de uma alma que é toda tua.

Revocata H. de Mello

(Continua)

#####

VIOLETA. Rio Grande, 25 ago. 1878. A. 1. N. 24.
Miríades – Leitoras minhas (p. 4)

Estou hoje verdadeiramente propensa à poesia; tanto que logo de princípio vou apresentar-lhes uma “elegante estrofe”, que pelo “vigor de estilo e beleza de pensamento”, tenho certeza vos impressionará; é um “primor poético” que deparei na primeira página de uma carteira de moça ei-la:

Meu cravo roxo rajado
Meu botão de relicário
Inda “*pertendo*” ir contigo,
À “*presencia*” do vigário.

Bela inspiração, feliz daquele que a mereceu.

*

* *

Mas leitoras já vejo que estamos em época de raridades.

Exista entre nós uma ilustração portentosa. Conhecem a velha dos pós de arroz? certa “carcaça antiga com olhos de centopeia” (perdoem o plágio) pois deu-lhe agora para intitular-se grande sabichona, tanto que fala perfeitamente o “*inglês*”, o “*franceis*”, o “*alamão*” e todas línguas que há nesta terra.

Que fenômeno, falar todas as línguas que há na terra, aqui anda metáfora, será bom ser mais explícita.

*

* *

As leitoras conhecem o Castor e Pólux, dos nossos dias? pois são dois “dândis” que muito têm dado que pensar às moças, é incontestável.

Ainda não sabem de quem falo? dos inseparáveis Souza e Silva; o primeiro assegurou-me alguém, está verdadeiramente cativo da graciosa Faust.; quanto ao outro anda ideando um poema intitulado “Branca”.

Aprovo, o nome é poético.

*

* *

Porque será que o Mesquita tanto passeia pela rua Andrade Neves? desconfio muito dos belos olhos de certa moreninha... é o mesmo que um militar muito assíduo à praça da Matriz, já ouvi dizer que a pálida Josef... é o imã que o atrai aí.

Enfim isto de amores.

“Não quero, não posso, não devo contar.”

*

* *

Vou agora mostrar-vos três cartinhas, ultimamente remetidas à redatora deste jornalzinho.

Creio que o despeito é o causador de tais missivas; vamos a elas.

“Disse-me a Dolores que o doutor M... está apaixonadíssimo por uma santa Virgínia da rua Pedro II, se isto é certo temos mouro na costa”

AMÉLIA R.”

18 - 8 - 78.

“O cadete está inteiramente enamorado da jovem E... A, porém ela vota-lhe indiferença.

LUISINHA”

“Disse-me a encantadora Pituca que a E... A... ficara zangada comigo pelo que eu disse no domingo e jurou vingar-se.

.....

Menina, eu não tenho culpa, quem disse foi a Pituca - Izolina”

E aqui saudosa despede-se a

HERMENGARDA

#####

VIOLETA. Rio Grande, 1^o set. 1878. A. 1. N. 25.
Rosas literárias - Juramento de um dia (p. 2-3)

(NARRATIVA)

À Julia Figueiroa

(Continuação do número 24)

O funesto presságio de Jaime não havia sido em vão, a fatalidade ou o destino enfim, chamavam o moço a outros lares, era preciso partir, abandonar aquele éden onde habitavam duas criaturas divinas, que tanto o amavam.

- Emelina, dizia Jaime, não me despedaces a alma, breve serei contigo, tem fé e esperança em deus, julgavas que a vida do homem era destituída de dores e privações? entre as rosas também se deparam

cardos; oxalá que bem cedo a minha volta suspenda esse manto nebuloso que de hora em diante velará nossa existência. Ao menos nas atribuladas horas de saudade afogarás as lágrimas no colo de tua mãe, e eu só no mundo onde um peito amigo descansa a fronte? qual a consolação para as minhas acerbadas dores? Só a doce esperança, assim sejamos resignados, não chores; escuta esses versos escritos ontem após uma insana vigília:

Ai adeus vou partir Emelina
Vou deixar-te oh meu sonho de amor.
Mas por Deus não olvides a crença
Que dá vida a teu pobre cantor.

Não te esqueça de mim à tardinha,
Quando a brisa beijar-te os cabelos,
Quando os sons de saudoso piano
Relembrem meus puros anelos.

Não te esqueças de mim branca rosa,
Alvorada de um dia sem fim:
Não te esqueças nas horas silentes
Suspirares oh anjo por mim

Não te esqueças de mim doce virgem
Meu santelmo nos véus do porvir.
Não esqueças os gratos momentos
Que passamos num ledor senti. . .

E mais tarde ao volver-te a lembrança
Esta quadra ditosa feliz,
Se eu dormir na algidez do sepulcro
Dá teus prantos ao pobre infeliz.

A moça o escutava chorando.

– Jaime bem vejo que são gerados pelo sentimentalismo de um grande amor, mas não temas o olvido, jamais por tua lembrança passará na minha alma uma sombra do esquecimento. . .

- Perdão, as vezes vem a cruel dúvida.
- Mas quantas vezes te hei jurado por minha mãe, um amor de além túmulo.

Revocata H. de Mello

(Continua)

#####

VIOLETA. Rio Grande, 7 set. 1878. A. 1. N. 26.
Sete de setembro

Salve brilhante sol da liberdade.

Salve aurora do mais glorioso dia para todos aqueles brasileiros que sentem no coração a chama do patriotismo.

Exultemos.

O dia de hoje recorda-nos que para sempre estão quebrados os grilhões da escravidão.

Nós, mísero povo, que oprimido gemia, podemos desde então, desde este feliz dia, cuja data nos vem hoje recordar, soltarmos o brado de Vitória.

Em nossos ardentes corações não deve jamais deixar de pulsar o doce sentimento da gratidão, um entusiástico viva à memória do augusto herói do mesmo.

Viva a memória de S.M. o Sr. D. Pedro I!

Viva a Nação Brasileira!

Viva S.M. o Sr. D. Pedro II!

R. Heloisa de Mello

#####

VIOLETA. Rio Grande, 1^o set. 1878. A. 1. N. 26.
Rosas literárias – Juramento de um dia (p. 3-4)

(NARRATIVA)

À Julia Figueiroa

(Conclusão)

– Dá-me como prova esse ramo que tens ao peito, essas violetas talvez mais lindas e perfumosas do que aquelas com que Alceu comparava os cabelos de Sapho; será um fiel talismã que trarei sempre junto ao coração.

– Pois bem, façamos uma troca; em paga das violetas dá-me um anel de teus cabelos selado por um solene juramento.

– Sim juro por tua vida, por tua adorada mãe e pelo pálido astro que neste momento derrama prateados sobre tua cândida fronte que as nossas almas serão unidas na vida e na morte.

* *

*

Eram já passados três anos e Jayme nunca mais voltara àquele sítio. Um dia, porém, não sei se o acaso ou a mão do Onipotente o conduziu ali. Era uma manhã de inverno sombria e triste como devem ser as almas dominadas pelo remorso.

Jaime ao avistar a casinha de Emelina, sentiu o coração comprimir-se; o passado que por tanto tempo fora por ele olvidado, desdobrou-se ante seus olhos; oh que saudade, que desesperação sem nome! Em vão procurou divisar através da vidraça do gabinete o rosto angélico da moça, tudo estava mudado, a relva crescera em redor daquela poética vivenda, o musgo e a hera cobriam-lhe as paredes, não mais viçavam no jardinzinho as formosas violetas.

Tudo fenecera com a sua bela cultura; o abandono reinava ali, Jaime percorreu todos esses lugares que lhe traziam dolorosas recordações; quantas lágrimas derramou ele aí no silêncio de uma saudade e de um pungente remorso

Procurou alguém que lhe dissesse o que era feito dessas duas criaturas; então soube que depois da morte da velhinha, a filha ficara com as ideias alteradas entregando-se a uma desesperação tal que perdera a razão; coitadinha enlouquecera de dor.

À tardinha costuma assentar-se à soleira da porta e quando via alguém, apontava lá para o fim da estrada e dizia chorando: ele não voltou mais, depois desatava do pescoço um veludo negro onde pendia uma medalha, e abrindo-a beijava uns cabelos, repetindo sempre, ele não voltou mais.

Assim viveu ainda alguns meses esse anjo, até que a virgem o chamou para junto de si. Jaime dirigiu-se ao cemitério procurou com afã em todos os epitáfios ler o nome daquela que tanto o amara, porém não encontrou: é que no túmulo de Emelina não havia mais que uma singela cruz enlaçada por uma coroa de flores silvestres.

Revocata H. de Mello

#####

VIOLETA. Rio Grande, 15 set. 1878. A. 1. N. 27.
Miríades – Leitoras minhas (p. 4)

Eis a nossa esperançosa mocidade alarmada com a luta dos partidos; ao menos valha-nos esse ardor patriótico a quebrar a monotonia de que se achava acometida a nossa sociedade, esse torpor e aborrecimento causado pela sensível falta de divertimentos, bailes, e ainda mais pela ausência da eminente companhia do Guilherme da Silveira.

Que tempo insípido meu Deus, mas... tornando ao caso, creio que os jovens conservadores já tem o triunfo como certo, e assim é que preparam um esplêndido baile, discursos, recitativos etc. Só em artigo

vi encomendar quatro cestos cheios. O madamismo acha-se na maior influência e é de notar-se que muito coraçãozinho “liberal” pensa sem o menor escrúpulo, no baile, nos “conversadores” (quero dizer conservadores) nos doces e em mil atrativos que lá encontrará, a despeito de seus correligionários.

*

* *

O jovem Otelo de que há tempo vos falei alcançou ver realizado o seu sonho, sem que para isso fosse necessário recorrer a trágicas paródias; quando menos esperava a menina virou folha e leu no novo capítulo o mais terno dos romances. . .

Ah leitoras, o Mello está mesmo caidinho pela mimosa Elf. . . , enquanto as encantadoras O. . . e C. . . vão arrebatando outros corações.

A moreninha querida do M. também assegurou-me, que o simpático Porto-Alegrense recém chegado vê-se inteiramente entregue às douradas. . . da graciosa e elegante Adal. . . B. e que o conquistador Levi vai com suas belas cantilenas embalando a pálida daqui e a morena de Pelotas.

Pela conversação de duas vizinhas, descobri mais que o C. . . está entusiasmado pela espirituosa e galante Henri. . . A., assim como o cadete deixa-se morrer de zelos e ansiedades pela jovem Elfr. . . A. e eu aproveito a ocasião de perguntar ao simpático Abr. . . até onde pretende levar sua crueldade, pois que eu posso assegurar-lhe que a mocinha dos cabelos frisados tem assaz provado a constância de seu nobre sentimento.

*

* *

Agora posso falar-lhes do mimoso bogari da rua U. . . isto é da bela M. do C. que tem tido o poder de prender um galhardo tenente

de marinha a ponto de se achar este inteiramente cativo dos olhos daquela fada.

As cândidas açucenas A. e J. Mont. . . passam esquivas por entre a turba que se extasia, dizem “alguns” que há preferências porém eu não as vejo.

Ah é verdade, esquecia-me dizer que a jovem Izol. . . talvez sem o saber com suas graças apaixonou o moço dos óculos azuis.

Fecho a crônica com chave de ouro.

Grande sucesso na literatura! Está no prelo a interessante biografia da – “Mulher nariguda ou arte de caluniar por inveja.”

HERMENGARDA

#####

VIOLETA. Rio Grande, 13 out. 1878. A. 1. N. 31.
Rosas literárias – À morte de minha chorada tia (p. 3)

Amália Figueiroa

Era bem cedo! – na manhã da vida
Chegar não pode a terra prometida
Que ao longo lhe sorriu!
Embora desta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternais carinhos,
Cansada sucumbiu!

(C. de Abreu)

E pura como um anjo, mais fulgente
Que a estrela d'alva no oriente ergui-la
Subiste aos pés do Criador dos mundos!
Tu vives na celeste imensidade:
Nas plagas do infinito, confundindo
A luz dos sol tens límpidos fulgores

Sobrenadando em ondas de harmonia
No gozo eterno de eternas venturas!

(D. Vieira)

Meu Deus! por que veio a longa e tenebrosa noite da desgraça
deixar cair sobre nós as infinitas brumas do crepúsculo da morte,
envolvendo esse brilhante astro que dourava o celeste firmamento de
uma manhã esplêndida?

Onde foste oh doce poetisa do sul? por que enlaçaste a tua afinada
lira um ramo de cipreste? nunca ouviremos tuas chorosas endeixas,
esses plangentes cantares emanados das lúcidas ilusões de virgem so-
nhadora?! . . .

Por que deixaste enregelar as flores das crenças na gélida lufada
do desalento?!

Tão cedo ainda, adormeceste em meio às sombras eternas, emba-
lada ao funéreo canto do anjo dos túmulos! essa fronte coroada pelo
gênio pendeu empalecida como a branca rosa, que açoitada pelas rís-
pidas rajadas de tempestuosa noite, debruça-se no verdejante hastil. . .

Ela dorme, silêncio! . . . ali, ao soturno gemer das casuarinas, ao
lúgubre farfalhar dos ramos do chorão, nessa mudez sombria, sonha a
filha de Deus, quem sabe em que misterioso enlevo?! a poesia adeja-
-lhe em torno a tumba, enlutada num manta de tristeza, enquanto os
euros da noite passam suspirando, e os relentos como lágrimas do céu
banham-lhe a campa.

Dorme puro arcanjo, teu espírito espera na mansão sidérea ao som
de etéreas harpas, sob um dossel de flores, o noivado do céu! . . .

Dorme enquanto nós soluçamos nas trevas da saudade lancinante,
pela escura noite onde jamais brilhará a luz de teu inspirado olhar.

Dorme! E deixa que a tua querida lembrança, rolem as minhas
acerbas e dolorosas lágrimas. . .

Adeus, adeus!

Revocata H. de Mello

10 de outubro de 78.

#

VIOLETA. Rio Grande, 3 nov. 1878. A. 1. N. 34.
Rosas literárias – Dia de finados (p. 2)

A ti Senhor, clamei no mesmo abismo
Os meus prantos, Senhor, meus rogos ouve!
Salmo de David.

Escutemos, o dia é de luto e dor.
O bronze geme é o dia de finados
Meus Deus! quantos soluços abafados,
Ao murmurar dos salmos e orações!
Oh que nênias de luto e de mistério,
Junto às tumbas, na paz do cemitério
Ao pungente ansiar dos corações!

Além dentre as campas bruxuleiam pálidos círios; e enquanto em merencória surdina as virações embalam as tranças do sombrio arvoredo, balançam-se nos braços das funéreas cruzeiras as simbólicas coroas de sempre-vivas e saudades...

E ao longe o campanário tange lugubrememente.

Chora minha alma, quem sabe que de sonhos fanados em embrião, quanta aspiração ardente murchou enlaçada aos goivos e ciprestes!

Cruel é a realidade da vida, após esplêndida manhã, impenetráveis brumas; depois?... passa o mortal simum desfolhando as perfumosas grinaldas de santas afeições, rompem-se as folhas de um gentil poema, pendem mirradas as vívidas quimeras e as ilusões que povoam os íntimos devaneios.

Negra e pavorosa deve ser essa tétrica morada, nem mais uma esperança ali; só o sudário gélido e misterioso, meu Deus! meu Deus.

Gemem os campanários, oremos, quem sabe se amanhã, se logo extenuados romeiros descansaremos aí, a fresca sombra de copado chorão?!

E vós a quem tanto amei na terra, e que hoje adormeceis à sombra desse impenetrável mistério, oh entes queridos de minha alma, adeus! adeus!

Revocata H. de Mello

Rio Grande – 78

#####

VIOLETA. Rio Grande, 17 nov. 1878. A. 1. N. 36.
Miríades – Crônica – O que fazem corações (p. 3-4)

Caras leitoras com tão prolongado silêncio não tem alguma vez lembrado de mim? aposto que não, pois olhem de à muito me teriam aqui se não fora o desejo de que me viessem rogar, pedir e etc; mas enfim aqui para nós isto é defeito de toda a mulher.

* *

*

Vamos agora à leitura de minha carteira. Conhecem certo Bernardim, mavioso cantor de serenatas, coração feridos pelos ardentes olhares de Beatriz? ah que choroso menestrel, escutem-lhe as canções e virão que sentimentalismo.

Também os males do coração se tem tornado epidêmicos, senão vejam qual é a causa do Caripuna tanto gostar da rua da Uruguaiana sem dúvida alguma atraído pelas divas centelhas dos belos olhos da gentil Ame...

Assim como o jovem Pompílio cujo coração teima em palpar descompassadamente sempre que seu proprietário por um acaso lança furtivos olhares à adora Avelina.

Corações, corações, bem dizia mimosa Marieta, nesta época de ingratos mais vale ser como o moço do *cofre de prata*.

* *

*

Ora imaginem que as travessas e elegantes Adelina, Alice, Henriqueta, Hermínia, Cecília, Judith e Fausta ainda a pouco praticaram um roubo de corações, cujos donos sem dúvida armaram um processo nos tribunais de Cupido e... ei-los presos pelas inquebrantáveis cadeias do himeneu...

Tudo por causa dos corações.

Assim anda a sofrer as dores da ausência o pobre Carlos Masseran, bem como o Toscano e Freitas a divisarem visões pela rua da Uruguaiana.

O Cunha, Galdino e outros incansáveis em busca dos sorrisos de uma graciosa moreninha.

Só pela teima dos corações.

Por isso creiam sinceramente que o não possui a vossa.

HERMENGARDA

#####

VIOLETA. Rio Grande, 1^o dez. 1878. A. 1. N. 37.

Íris poético – Um sonho (p. 4)

Foi um sonho feliz as nossas almas
No remanso de plácida bonança
Deslizavam num mar de doces cismas
Embalados ao canto da esperança.

Merencório descia o véu da tarde
Qual um manto de virgem vaporoso,
E surgiam da alma as áureas flamas
A desmaiar nas nuvens cor de rosa.

Do pintassilgo o mavioso canto
Soava em meio da mudez da selva;
Últimos raios do clarão da tarde
Caíam frouxos sobre um chão de relva,

Morosa a brisa num gemer plangente
Frisava as águas de gentil regato.
Que paz, que enlevo, que harmonia etérea
Nesse mistério da solidão do mato.

Quanto ideamos que país de rosas.
Leda existência num viver dos céus;
De nossos seios se elevava a crença
Qual sacro incenso para os pés de Deus.

Mas veio a noite e a pesada bruma
Do lindo quadro desmaiava a cor;
Eu vi desperta se esfolhar meu sonho,
Bem como ao norte se desfolha a flor.
Rio Grande

Revocata H. de Mello.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 29 dez. 1878. A. 1. N. 41.
Rosas literárias – O moço do gorro negro (p. 2)

Tinha eu na época de que vou falar-vos quinze ridentes primaveras a engrinaldar-me a fronte: idade feliz de iriantes fantasias em que a alma sorri vendo-nos vacilar entre os folguedos infantis e as rosas da adolescência.

Nesse tempo tinha eu por costume levantar-me muito cedo para decorar minhas lições de francês e geografia e sempre colocava-me à janela do gabinete, de onde devassava todo o jardim de uma casa que ficava fronteira à nossa.

Então via-o trazer uma cadeira pô-la em meio ao jardim e aí assentar-se ficando por longo tempo em atitude de quem medita. Que belo moço era ele, muito pálido dessa palidez que diviniza e fala às almas sentimentais. Usava um lindo gorro de veludo negro que sobre a alvura da espaçosa fronte formava um belo contraste.

Havia naquele todo um que de melancólico e poético semelhante às azuis campanulas do vale: quem o visse aí tão só, tomá-lo-ia por um cultor das belas artes com as ideias ainda alteradas pela vigília de um profundo estudo, buscando ao ar da manhã e as mil belezas da natureza dar livre expansão a seus pensamentos de artista.

Errônea suposição.

(Continua)

HERMENGARDA

Rio Grande

#####

VIOLETA. Rio Grande, 6 abr. 1879. A. 2. N. 43.

Íris poético – Lágrimas a meu pai (p. 3)

Jazeis-me aí confundidos,
Sonhos vagos e perdidos
Duma quadra passageira,
Na penumbra escura e fria
Da cruz relvosa e sombria
Que lhe vela à cabeceira!

(MENDES LEAL)

Ai! acorda, meu pai, meu doce amigo.
Acorda, no meu peito há treva infinda
Qual noite tumular;
Eu te vejo tão frio, empalidecido,

Não, não durmas assim, eu te suplico,
Ai peço a soluçar!

Desperta, vem, eu quero-te a meu lado
Entre riso d'amor, doirada esperança,
Pensar no meu porvir;
Sentir a doce luz de teus olhares,
Tuas vozes, a benção tão querida
Deu teus lábios ouvir. . .

Que placidez, meu Deus, e não desperta
A noite já findou, raiou aurora,
São horas de acordar;
Meu pai, em vão te chamo em meu soluço,
Beijando tuas mãos, em vão te chamo,
És mudo ao meu chorar!

É bem real, não sonho nem delírio,
Ei-lo envolto em fúnebre sudário. . .
(...)

Tétrica luz derramada, tão sinistra
Quão na minh'alma a face do porvir
Já baldo desilusões!

Adeus, meu pai, adeus, a minha estrada
Será eu bem o sinto, agora caminho
De Gólgota sombrio. . .
Fatal saudade a treva do martírio,
Irá também à sombra enfim tranquila,
D'algum cipreste esguio!
Rio Grande, Fevereiro, 79.

Revocata H. de Mello

#####

VIOLETA. Rio Grande, 1^o jun. 1879. A. 2. N. 49.
A mulher e os seus direitos (p. 1-2)

Muitas mulheres tem na sociedade representado papel importante conseguindo tanta gloria que grande patê dos homens bem pode invejar; aos que vos julga, senhoras de uma natureza inferior à nossa, apresentarei na história os exemplos de Judith, Semiramis, Joana d'Arc, Catherina da Rússia, Carlota Corday, Mme. Staul e Jorge Sand.

F. C. de San-Tiago Dantas

É incontestável que a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza porém fadado a grandiosas missões; quer desempenhe os deveres de mãe, filha ou esposa, tem sempre uma tarefa árdua imposta primeiro pelas sagradas leis do coração, depois pela sociedade sempre vigilante, sempre pronta ao castigo severo, embora muitas vezes justo. Assim também, porque não havia a mulher nascer para grandes cometimentos? Que importa a fragilidade de matéria, quando o espírito pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante sublime e grandiosa... O gênio esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos; desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?! A mulher que por meio do estudo e das letras busca a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito; e desterrando a ignorância, é mais digna de louvores e de admiração que o homem; porque nem (pela sua sensibilidade meiguice e natural ternura) se poderá jamais afastar dos labores do lar; e luta para no estreito âmbito da esfera doméstica, dar amplo espaço às suas aspirações de glória. É errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos.

Protesto! – Conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado, o carinho imposto pelo dever

de mãe extremamente amorável; não deixou por isso de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito; e mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento, ajudada de um ilustre mentor infiltrou-lhes o amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família. . .

Deixem-nos, pois hastear nosso estandarte, soltarmos o grito não da rebeldia, nem da revolta anarquista mas sim de apelo ao templo de Minerva, a luta em prol de nossos direitos.

Revocata H. de Mello

Rio Grande.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 1^o jun. 1879. A. 2. N. 49.
Rosas literárias – O moço do gorro negro (p. 2-3)

(Continuação do n. 42)

Vivia eu na incerteza a labutar numa multidão de conjecturas, era preciso de um só golpe terminar essa luta entre o coração e a razão mas como? Pensava eu.

Enfim, por uma dessas manhãs em que com toda aquela poesia da alma fitava aquela fisionomia correta e insinuante, aquele todo de romântico pensador, veio-me uma ideia feliz percorrer a mente.

Por várias vezes havia visto uma senhora idosa porém extremamente simpática, encostada às grades do jardim fitar com toda a ternura e enlevo de uma alma mãe o rosto descorado e belo do moço do “gorro negro”, era sua progenitora, não havia que duvidar.

Então busquei relacionar-me com ela.

*

* *

Estávamos em dia de S. João; o sol esplêndido, a atmosfera límpida e serena anunciava uma verdadeira noite de festa.

Eu estava convidada para uma dessas reuniões tradicionais que se costumam fazer em louvor ao milagroso Santo.

Quis então por um capricho, ou antes, para obter um meio de falar àquela senhora, possuir uma camélia branca que pela manhã havia aberta em seu jardim.

HEMENGARDA

(Continuar-se-á)

#####

VIOLETA. Rio Grande, 15 jun. 1879. A. 2. N. 50.
Cara redatora (p. 2)

Sei que como eu, é sincera entusiasta dessa cintilante constelação da nossa pátria, do gênio predestinado e sublime do laureado poeta o jovem Múcio Teixeira.

Assim devemos transbordar de orgulhoso jubilo saudar a cidade do Rio Grande pelo prazer de o ter tido em seu grêmio ainda mais uma vez.

Infelizmente foi apenas de passagem, se bem que luminosa como soem ser as dos radiantes meteoros.

O paquete que seguiu domingo para a corte conduziu a seu bordo o nosso ilustrado e distinto comprovinciano, o festejado cantor das “Vozes Trêmulas” das odorosas e imurchecíveis “Violetas” das poéticas “Sombras e clarões” deslumbrantes.

É cheia de ufanía que recorde que a terra abençoada que deu o
berço a Múcio Teixeira, foi o meu querido torrão natal; esse lugar tão
bem traduzido nesta linda estrofe de um dos nossos poetas.

Hosana valente cidade guerreira
Que alerta vigias nas raias do sul;
Os campos mais verdes te servem de esteira,
Te serve de abóboda o céu mais azul.

Múcio Teixeira possui o condão da poesia a par de uma irresistível
simpatia; suas frases fluentes, ricas de inspiração, repletas de lindas
imagens, fazem com que as pessoas que gozam de sua convivência,
voltem-lhe uma amizade fraternal e profunda admiração.

Concordais comigo cara irmã, não é assim?

Nós a quem ele tantas vezes tem chamado de irmãs, e procurado
sempre provar-nos essa sagrada afeição, com efusão da alma, sauda-
mos sua estada aqui; e saudosas em nossas preces, rogaremos aos
céus para que uma perene felicidade o acompanhe em sua gloriosa
romagem.

Rio Grande

Revocata H. de Mello.

#####

VIOLETA. Rio Grande, 9 jun. 1879. A. 2. N. 51.
À Alice Telles Pereira da Cunha (p. 4)

Leio em ti tanto mistério
Tanta história em teu florir,
Que semelhante a estar-te olhando
Vaidosa a todos curvando
Sobre um trono do porvir!

– Carlos Ferreira –

Alice meiga e formosa
Engraçadinha e mimosa,
Semelha um botão de rosa
A baloiçar-se no hastil;
É como a luz encantada
Que doura o céu da alvorada
Quando além da madrugada
Surge risonha e gentil.

É linda como as ondinas
Como as flores purpurinas
Ou como as notas divinas
Que vagam aos pés de Deus;
Travessa qual borboleta
Brincando viva, inquieta,
Buscando tocar a mela
De seus sonhos cor de céus.

Seus olhos tem tal viveza
Dentre essa ingênua beleza,
Nesse todo de pureza
Que envolve a casta cecém;
E a voz singela inspirada,
Suave, branda, afinada,
É como a nota encantada
Que a brisa suspira além. . .

Quem pode ver-te criança,
Sem retratar na lembrança
Esse sorrir de esperança,
Que paira nos lábios teus?
Sim, eu sei, depois de ver-te,
Quem poderá esquecer-te,
Deixar de muito querer-te,
Dileta filha de Deus?!

Tu que perfumas a vida,
Que fases sempre querida
Essa existência florida
De teus lares paternais;
Terás, – eu creio na sina –
Brilhante estrela divina,
Serás a luz peregrina,
Sempre junta de teus pais!

Rio Grande – 79.

Revocata H. de Mello

ALGUNS TEXTOS DA ESCRITORA NOS PRIMÓRDIOS DO *CORIMBO*

Como proprietária e redatora principal do *Corimbo*, Revocata Heloísa de Melo foi uma das autoras que mais publicou na folha literária. Típico representante da pequena imprensa, o *Corimbo* bem caracterizava o jornalismo praticamente artesanal do século XIX e, apesar da sua expressiva longevidade, tinha na escritora o seu bastião essencial de subsistência. Nesse sentido, tal publicação era a própria síntese das práticas jornalísticas quase que unipessoais, nas quais um único indivíduo era responsável pela maior parte das atividades desenvolvidas para levar um jornal ao público.

Assim, apesar das diferentes etapas, formatos e periodicidade pelas quais passou o *Corimbo* ao longo das tantas décadas em que circulou, foi a partir da iniciativa individual de Revocata que ele garantiu a sua continuidade, de modo que a redatora-proprietária responsabilizava-se pela escritura e recepção de textos, seleção de colaborações, correspondências, intercâmbios, diagramação e revisão, além de interagir também com a própria impressão e distribuição da folha. Ao longo dos primeiros tempos de existência do jornal literário, Revocata Heloísa de Melo traduzia tais fainas jornalísticas através de um “Expediente”, seção que abria o periódico. Em tal segmento, a redatora não só refletia sobre as formas de realizar jornalismo de então, como realizava uma espécie de crítica, ao analisar periódicos e livros recebidos,

de modo que o estudo dos mesmos permite estabelecer até mesmo alguns fundamentos para uma história da imprensa.

#####

CORIMBO. Rio Grande, jul. 1885. A. 1. N. 2.
Expediente (p. 3-4)

Transbordando de júbilo, vem hoje a redação da modesta *Revista* apresentar ao ilustrado público rio-grandense, bem como à distintíssima imprensa das três principais cidades da província – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas – os seus inquebrantáveis protestos de indelével gratidão, pelo esplêndido acolhimento que se dignaram fazer a esta desprezensiosa publicação.

_____ * _____

Durante o primeiro mês da *Revista*, recebemos, além dos jornais que permutavam com o extinto *Corimbo*, mais os seguintes:

O *Operário*, publicação hebdomadária, de propriedade do Sr. Lindolfo Rocha.

Publica-se na capital da província, e consagra-se aos artistas.

O n. 12, que temos à vista, está escrito com bom gosto e inteligência.

Auguramos-lhe um feliz futuro.

O *Século*, jornal literário, que surgiu à luz da publicidade a 16 do passado, na Corte.

Contando no número avultado de redatores e colaboradores alguns nomes já vantajosamente conhecidos no mundo literário, é de crer que tenha uma existência longa e laureada, como nós, neste momento em que o saudamos, desejamos-lhe.

A *Violeta*, da mesma procedência.

É pequenina, perfumosa, catita, modesta, enfim um verdadeiro demoninho em forma de periódico.

O *Pitangui*, da província de Minas Gerais.

Está no seu 6^o número, sério quando é necessário e espirituoso se o assunto assim o pede.

O último que recebemos tarjou de negro a sua primeira página em honra a Victor Hugo, a quem dedica um belo artigo.

O *Regenerador* da Bahia. Gosto, ilustração e critério, foi o que nele deparamos com mais abundância.

O *Rio Branco*, de Pirassununga, que acaba de reaparecer. Como sempre simpático, interessante, na altura de despertar nos leitores o mais vivo interesse.

A *Gazeta de Taubaté*, da província de São Paulo.

É uma gentilíssima menina que conta já oito anos de idade.

Faceira e galante, recebe as suas visitas com uma amabilidade tal, que as deixa mesmo confundidas.

Foi isto pelo menos que nos sucedeu.

Quanta bondade, colega!

Queira aceitar os nossos sinceros agradecimentos, dignando-se também encarregar-se de apresentar os nossos protestos de gratidão aos seus distintos colaboradores *Pilades* e o maviósimo poeta Jacobino Freire, que tão amáveis foram para conosco, especialmente o último, que nos ofereceu uma das suas mais belas e preciosas pérolas literárias.

*
—————

Temos mais a acusar a recepção do *Boêmio*, *locubrações de um noctâmbulo*.

É um gracioso livro de *sortes*, destinado a servir de entretenimento nas festivas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Algumas das leitoras do *Corimbo*, garantindo-nos que, tendo feito experiência, chegaram à conclusão de que as citadas *sortes* são infalíveis!

Aos incansáveis editores, os distintos cavalheiros Srs. Carlos Pinto & Cia., agradecemos a delicadeza da remessa.

#####

CORIMBO. Rio Grande, ago. 1885. A. 1. N. 3.
Expediente (p. 3-5)

Durante o mês próximo passado, fomos agradavelmente surpreendida com três mimos literários, cuja remessa foi para nós assaz honrosa.

Falamos das *Ardentias*, de Vicente de Carvalho, *César que mata e Pedro que mente*, de Victor Hugo, tradução do nosso talentoso colaborador Sr. Bráulio Cordeiro Júnior.

Ardentias é uma esplêndida coleção de poesias líricas, que prendem, entusiasma e arrebatam o leitor.

Cada estrofe é um mimo, cada pensamento uma fagulha de luz, cada imagem uma nova ideia do invejável talento do jovem poeta.

A impressão que nos deixou a leitura das suavíssimas poesias de V. de Carvalho, não se explica por meio de palavras – sente-se.

A nossa opinião parecerá talvez exagerada a quem não souber o lisonjeiro acolhimento que a imprensa ilustrada fez ao mimoso livrinho, e a quem não tiver lido o autorizado juízo que sobre ele escreveu Carlos Ferreira, um dos mais belos e conhecidos talentos poéticos de nossa gloriosa província.

As palavras do distinto redator da *Gazeta de Campinas* são um nuncio das glórias que há de colher Vicente de Carvalho

Infelizmente, o acanhado espaço de uma notícia não permite que possamos apreciar as mil belezas desse volumezinho; portanto, contentemo-nos, ao felicitar o cantor das *Ardentias*, em dar-lhe um *bravo* pela sua formosa poesia *Never More*.

César que mata e Pedro que mente é um precioso folheto de 58 páginas, caprichosa e esmeradamente impresso na acreditada Livraria Americana, e que, por seus editores, os proprietários da mesma, nos foi graciosamente oferecida.

Falar do incontestável valor da obra é tarefa por demais árdua para nós: homens da têmpera de Victor Hugo, não devem ser julgados por

pigmeus.

Os episódios de sua memorável vida, descritos aí por ele, o primeiro homem do século dezenove, bem como as ideias alevantadas que a cada momento deixam bem patentes a grandeza do coração e do espírito do autor da *Legenda dos Séculos*, torna o livro de que tratamos de um valor imenso.

Todos os homens que prezam e apreciam as letras, e muito principalmente os que partilharem das democráticas ideias de Victor Hugo, devem ler o importante volume que os distintos editores, Srs Carlos Pinto & Cia. acabam de ter a feliz ideia de apresentar ao público.

Resta-nos, pois, falar dos *Traços biográficos de Victor Hugo*, de cuja tradução encarregou-se, como acima dissemos, o esperançoso poeta Bráulio

Júnior.

Não estamos ainda apta para dar opinião sobre qualquer tradução, mesmo que seja ela do conhecido idioma de Mirabeau; parece-nos, porém, que seu autor nela mais uma vez revelou o precoce talento que tanto o distingue.

O livro é belo e de uma linguagem arrebatadora, o que, junto ao interesse que despertam sempre os fatos da inolvidável existência do cantor das *Orientais*, é uma excelente recomendação.

Quando, ainda no alvorecer da vida, trabalha-se e estuda-se com afinho, como o faz Bráulio Júnior, merece palmas e muitas palmas.

É, pois, muito justo que da glória colhida pelo autor dos *Traços biográficos de Victor Hugo* projetem-se vivos raios sobre a inspirada frente do tradutor.

Recebemos mais: o *Diário de Bagé*, folha imparcial, de redação do Sr. Antenor C. L. Soares, já vantajosamente conhecido nas lides da im-

prensa, e portanto uma bela recomendação para o novel campeão bageense.

O Porvir, de Santana do Livramento, pequeno, porém contento joias de valor.

Gazeta do Norte, de Santa Maria da Boca do Monte, publicação muito interessante e redigida com critério. É de propriedade do Sr. Camboim Filho.

Correio de Santos, jornal diário, digno de todo o apreço público, não só pelo muito interesse despertado por sua útil e variada leitura, como ainda pelo nome de seu distinto redator-chefe, o Sr. J. Guelfreire, talento brilhante e ilustração reconhecida.

O Brasileiro, de São Paulo, recente nas lutas da imprensa, mas apresentando-se sob prometedores espaços e atraentes galas.

O Povo, do Rio de Janeiro, periódico semanal, cuja redação é elegante e de bom gosto.

*
—————

Também o nosso distinto colaborador, Sr. Victor da S. Airosa, inteligente acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, mimoseou-nos com o prospecto da *Democracia*, publicação semanal que, sob sua redação, deve ter aparecido naquela capital a 11 do presente.

Incontestavelmente, a *Democracia* não desmentirá os méritos intelectuais de seu apreciado redator, tanto mais que nos promete artigos científicos, mimos literários, poesias, retratos de escritores os mais notáveis, enfim, elementos para uma longa duração, o que cordialmente almejamos.

A todos nossos sinceros agradecimentos.

#####

CORIMBO. Rio Grande, set. 1885. A. 1. N. 4.
Expediente (p. 3-4)

Além das publicações que nos honram com a permuta, visitaram-nos durante o mês de agosto, mais as seguintes, a cujas delicadas redações dirigimos afetuosos cumprimentos.

Da Corte, *A Estação*, belíssimo jornal de modas, indispensável às senhoras que não desdenham os requintes do bom gosto e da elegância.

Em seu gênero é esta uma publicação digna de todo o apreço.

O Século XX, órgão científico e literário, filiado às ideias progressivas, contando, como em seu número 3 que temos à vista, artigos de muito mérito.

O Campeão Lusitano, folha criteriosamente elaborada, e não descurando dos interesse ligados á brilhante colônia portuguesa de que é um dos dedicados órgãos.

De São Paulo, o 1º e 2º números da *Democracia*, valorosa batalladora que acaba de brilhantemente lançar-se nas lutas da imprensa séria da florescente Pauliceia.

É seu redator-chefe o Sr Victor da S. Ayrosa, um dos fúlgidos talentos de que se compõe a mocidade que ilustra a Faculdade de Direito.

O Ganganelli, também recém-aparecido à tona da publicidade, porém tendo a apontar-lhe uma gloriosa senda os nomes que em seu frontispício semelham um disco luminoso: Rivadavia Corrêa, Horácio de Carvalho e Falcão Júnior.

A Folha Paulista, de redação do Sr. Alberto G. Cardoso de Mello.

Este prometedor e interessante adepto da nobre causa do abolicionismo recomenda-se ao elogio público.

De Santos, *A Revista*, números 1º, 2º e 3º.

Publica-se aos domingos, tendo como redatores os Srs. Gastão Bousquet e Alberto Souza, gentis publicistas de 15 anos!

À *Revista* auguramos um futuro de flores e aplausos, digno do belo talento desses esperançosos jovens.

Às distintíssimas redações da ilustrada *Semana*, da Corte, interessante *Pitangui*, de Minas, pujante *Regenerador*, da Bahia, brilhante *Farol*, da Cachoeira, festejado *Correio de Santos*, aplaudida *Discussão*, de Pelotas, criterioso *Mercantil*, laureado *Atleta* e apreciado *Operário*, de Porto Alegre, nossos protestos de indelével simpatia e gratidão pela delicada forma porque receberam as últimas visitas do frágil *Corimbo*.

#####

CORIMBO. Rio Grande, nov. 1885. A. 1. N. 6.
Expediente (p. 3)

Aos incansáveis editores Srs. Carlos Pinto & Cia., que dia a dia vantajosamente demonstram o quanto interessam-se pelo progresso das letras em nosso país, cabe-nos agradecer a delicada remessa das importantes publicações *Último dia de um condenado*, de Victor Hugo, *Graziellla*, de Lamartine, e *Melro*, de Guerra Junqueiro.

Três esplêndidas fulgurações no diadema da literatura universal; três padrões gloriosos, três primores, firmados por eminentes e laureados vultos.

É de crer que o público, na consciência do mérito destas obras, saiba devidamente corresponder aos esforços da acreditada casa editora Livraria Americana.

São estes os nossos votos.

_____ *

Pela primeira vez embeleza hoje a nossa *Revista* um inspirado soneto da lavra da inteligente e merencória poetisa Exma. Sra. D. Tercília N. Lobo. Agradecemos o mimo que nos dispensou.

_____ *

Também o festejado poeta das belíssimas *Ardentias*, Vicente de Carvalho, honra o presente *Corimbo* com as diamantinas estrofes sob o título *Relíquia*.

Penhorada, orgulhamo-nos com a distinta colaboração.

_____ *

Chamamos a atenção dos leitores para o gentilíssimo conto *A Estátua* de Damasceno Vieira, bem como dos apreciadores da escola naturalista para o delicado cromo de nossa preadíssima colaboradora Julieta M. Monteiro.

_____ *

Fomos durante o mês visitada por grande número de apreciadas publicações, porém a falta de espaço priva-nos de na presente *Revista* acusar condignamente tão honrosas permutas, o que prometemos reparar para o *Corimbo* de dezembro próximo futuro.

_____ *

A decifração do logogrifo do número passado é: – *Semanário*. Apesar do erro dado no terceiro verso da terceira quadra, que deve ler-se – *a segunda após a quarta*, em vez de *a segunda a par da quarta*, recebemos quatro decifrações certas.

#####

CORIMBO. Rio Grande, fev. 1886. A. 1. N. 9.
Expediente (p. 3-6)

O *Corimbo*, que dia a dia tem a ventura de ser distinguido com as mais delicadas provas de apreço de seus ilustres colegas, recebeu

durante o mês passado além da visita de todos os órgãos da imprensa que se dignam sempre permutar consigo, mas a dos seguintes jornais:

A Zugui, da Corte, redação do Sr. Carlos Parada.

Está no seu segundo ano de existência, e no número que temos à vista (4) contém bons escritos em prosa, e melhores poesias.

De coração desejamos-lhe próspera e longa vida.

O *Contemporâneo*, aparecido há pouco na capital da província, tendo como diretor e proprietário o conhecido e inspirado poeta Sr. Azevedo Júnior, ex-redator do *Caixeiro* e do *Lábaro*, dois interessantes hebdomadários.

Entre o seu avultado número de colaboradores mais ou menos conhecidos no mundo das letras, surpresas encontramos dois obscuros nomes – o da redatora desta *Revista* e o de sua irmã.

Por essa amabilidade duplicou a nossa gratidão.

Ao preclaro *Contemporâneo*, mil venturas.

O *Piratini*, publicação quinzenal, dirigida pelos Srs. A. A. Bastos e Guilherme de Melo.

Belissimamente redigida e tendo entre os seus gentis colaboradores o notável poeta das *Ardentias*, Sr. Vicente de Carvalho.

Publica-se em Santos.

Saudamo-lo.

O *Querubim*, do Rio de Janeiro.

Mimoso periódico semanal dedicado sexo frágil.

Tão delicado quanto o seu nome.

Um verdadeiro cofre de preciosidades.

Nossos cumprimentos.

Gazeta do Amparo. Ano primeiro e número primeiro.

Vê a luz da publicidade na província de São Paulo.

Leitura agradável, variada e atraente.

Noticiário abundantíssimo.

O *Discípulo*, interessante órgão do Clube Galvão Bueno.

Conta já três anos de gloriosa existência, tendo à frente de sua redação o apreciado nome de J. A. Adail Oliveira.

Aparece em São Paulo.

Recomendamos aos leitores amantes do belo, a leitura deste denodado campeão.

O Crepúsculo, galante hebdomadário que acaba de surgir triunfante na Vila de D. Pedrito

É crítico e literário; e se não desmentirem os seguintes números àquele que temos à vista, terá o *Crepúsculo* sem dúvida um futuro repleto de luzes e assinantes.

O Campeão, valente pugnador das ideias liberais.

Encetou a pouco a sua publicação em Santa Catarina.

Redigido com esmero, é de esperar que lhe não falte o apoio de que é digno.

O Raio, pequenino e espirituoso jornal de Itapecerica.

Apreciamo-lo bastante; no seu gênero é inegável que agrada.

_____ *

Recebemos também o *Rio Branco*, de Pirassununga, que esteve suspenso por algum tempo.

Folgamos em vê-lo aparecer.

É um jornal cheio de interesse, perfeitamente redigido e que por todos os sentidos deve merecer, e merece o apreço do público ilustrado.

_____ *

Com máxima regularidade é nos também enviado o *Correio de Santos*, para o qual já não encontramos frases com que possamos testemunhar a nossa ilimitada gratidão.

Os obséquios são tantos, tantos!

Aproveitamos a oportunidade para dar-lhe os nossos sinceros parabéns por todos os notáveis melhoramentos com que se embelezou no princípio do corrente ano

*

MELODIAS. – O jovem e inteligente poeta Sr. Praxedes da Costa, obsequiou-nos com um exemplar do seu belo livro de poesias que traz o título que encima estas linhas.

O seu nome não é desconhecido do mundo das letras e as suas produções poéticas revelam um futuro talento.

Cumprimentamos o novel e esperançoso poeta, augurando ao seu livro muitas felicidades.

*

A nossa obscura redação foi ainda gentilmente mimoseada com mais um testemunho de consideração, que a penhorou em extremo, muito principalmente por achar-se o distinto cavalheiro que o enviou, muitas léguas longe deste país, o que não obstou a que recordasse o pequeno e despretensioso *Corimbo*.

O aludido presente consta de uma bonita e moderna coleção de interessantes jornais ilustrados franceses e espanhóis, tais como *El Salon de la Moda*, com belíssimos figurinos e moldes, *La vie parisienne*, *Illustracion Artistica* acompanhada de uma perfeita gravura representando *Flora*, etc., etc., e um exemplar do *Guia del emigrante español en el Uruguay*, publicação nítida e cartonada, apresentando-nos além de algumas vistas importantes, magníficos retratos de D. Máximo Santos, general Artigas, D. Enrique Kubly e outros.

Ao ofertante, o Exmo. Sr. Laureano Bardino, muito digno cônsul do Uruguai, em Barcelona, a nossa profunda gratidão por tanta galanteria.

*

Um nome simpático firma hoje nesta *Revista* uma mimosa produção literária.

Matias Guimarães.
A quem confessamo-nos agradecida.
Visite-nos que será sempre bem-vindo.

_____ * _____

Ante de concluirmos, permitam-nos as ilustradas redações da importante *Ordem*, distinta *Revista dos Novos*, apreciadíssima *Semana*, interessante *Cruzeiro* (Ceará), denodado *Lutador* e gentil *Futuro*, que lhes testemunhemos o nosso sincero reconhecimento pela maneira altamente lisonjeira e significativa por que têm acolhido esta pálida e obscura *Revista*.

Mil vezes obrigada.

#####

CORIMBO. Rio Grande, mar. 1886. A. 1. N. 10.
Expediente (p. 3-5)

Durante o mês próximo passado tivemos mais a contar a apreciada remessa das seguintes publicações: Desta cidade o *Diário do Rio Grande*, importante órgão, cuja existência de trinta e nove anos assaz demonstra que há sempre este paladino da imprensa colhido o aplauso público; atualmente prossegue sob a direção de duas conhecidas e festejadas penas, o que é bastante para augurar-lhe muitos louros, o que de coração lhe desejamos. De Porto Alegre, o *Franco Atirador*, sob a hábil direção dos Srs. Silvano e Cia. É este um periódico muito interessante, perfeitamente elaborado, e digno de todo o apreço. De Jaguarão, o *Progresso*, órgão da Biblioteca Juvenil. Nos dois números que temos à vista encontramos bela literatura, mimosas poesias e noticiário. De Bagé, o *Crepúsculo*, dedicado ao belo sexo e ao Clube Caixeiral daquela cidade. É um atraente *Crepúsculo*, cheio de poesias

e amenidades. De São Gabriel, o *Zig-Zag*, semanário crítico e literário, criteriosamente redigido, e encerrando escritos de verdadeiro mérito. De Lages (província de Santa Catarina), o *Escudo*, sob a gerência do Sr. José Joaquim de C. Passos. O novo colega filia-se ao partido liberal. Almejamos-lhe vida longa e próspera como merece. Do Rio de Janeiro, o *Ensaio*, periódico literário e científico, do Liceu de São Cristóvão. Em seu primeiro número demonstra estar confiado a boas penas; além da apresentação judiciosa e modesta, traz artigos de interesse como *A Educação feminina*, *A Origem da Linguagem*, *Educação Física*, etc., etc. Saudamo-lo.

Temos mais o prazer de acusar a visita das *Vibrações*, coleção de mimosas e delicadas poesias da lavra do poeta dos *Pedaços d'Alma*, Sr. Borges de Soveral. Encontra-se nesse gentil livrinho muita alma e muita inspiração; sente-se que o jovem poeta canta com espontaneidade, com essa ternura e veemência vulgar às organizações moldadas ao sentimento; vejamos as estrofes que têm por título *O adeus do poeta*, *Última nota*, *Saudades*, e ainda outras, onde adivinha-se talento e pronunciada vocação poética. Felicitando o Sr. Borges de Soveral, auguramos-lhe muitas flores e aplausos.

*

As produções que sob os títulos *Os olhos dela* e *Vibrações*, embelezam o *Corimbo* de hoje, foram-nos delicadamente enviadas por seus inteligentes autores os Srs. Heitor Telles e Vasco Diniz, aquele da cidade de Santos e este da de Pelotas. Ao primeiro temos o prazer de conhecer de perto, ao segundo, conquanto não tenhamos tal satisfação, somos-lhe duplamente agradecidas, pela poesia e pela gentilíssima carta de que a fez acompanhar.

*

Nossos sinceros parabéns aos colegas do *Farol* e do *Oitavo Distrito*, o Sr. João de Freitas Araújo que na cidade da Cachoeira acaba de

consorciar-se com a Exma. Sra. D. Maria Júlia de Leão, e o Dr. Aureliano de S. e Oliveira, em São Carlos do Pinhal, com a Exma. Sra. D. Luiza Lopes.

_____ *

Somos informada pela última carta do nosso talentoso colaborador o distinto acadêmico Sr. Victor da S. Airosa, que a 22 do corrente recebeu em São Paulo o grau de bacharel em Direito o festejado redator da *Ordem* e ilustrado autor da *Vota e a Eleição*, o Sr. Veiga Filho. Foi o jovem Dr. Saudado por numerosos amigos e pela colônia italiana, da qual é digno advogado. Nossos emboras ao ilustre mineiro.

Ante a forma altamente lisonjeira por que se dignaram muitos órgãos da imprensa desta província, São Paulo, Corte e etc., noticiar a aparição de nosso retrato no *Correio de Santos*, sentimo-nos impressionada e penhoradíssima.

Também endereçamos votos de reconhecimento ao mavioso poeta Sr. Pedro de Miranda, como diretor da florescente Biblioteca Independência, pelo honroso ofício de felicitações com que nos obsequiou por esse motivo.

_____ *

Esta humilde redação agradece aos simpáticos Clubes Diógenes e Terríveis a delicadeza de seu amável convite para o brilhante baile com que a 7 do presente festejaram o carnaval.

#####

CORIMBO. Rio Grande, abr. 1886. A. 1. N. 11.
Expediente (p. 3-5)

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o belo artigo que inserimos hoje, devido à gentil pena de nosso colaborador Sr. Luiz

Monteiro da S. Carvalho. Também aos apreciadores recomendamos os interessantes problema e logogrifo, com que nos obsequiaram os Sr. P. M., desta cidade, e Manoel dos Passos Figueroa, da capital.

Cabe-nos mais o prazer de reunir ao *Corimbo* de hoje uma mimosa poesia da lavra de uma distinta jovem, e que por intermédio de nosso simpático colaborador Sr. Victor Airosa, nos foi remetida de São Paulo.

Mil agradecimentos à gentil cantora.

*
—————

Além dos jornais cuja recepção já temos noticiado e que são permutas para nós assaz honrosas, fomos obsequiada com mais os seguintes:

Diário de Pelotas, que passou à nova direção, apresentando-se soberbo, isto é, digno da brilhante pena que o está redigindo.

Cumprimentamos o Sr. Guelfreire, a quem nos confessamos grata pela amabilidade com que nos tem tratado em seu interessante jornal.

Revista dos Novos – Folheto em 16 páginas – Dirigido pelo Sr. José Feliciano, cujo talento há muito apreciamos e aplaudimos.

Contém prosa e versos, tudo bom, excelente.

O Fanal, de São Paulo, periódico literário, crítico e noticioso.

Muito gentil, muito catita, muito mimoso mesmo.

Eco das Damas, da Corte, dirigido habilmente pela Exma. Sra. D. Amélia Couto.

Diz contar com a colaboração de distintas escritoras, o que nos parece um auguro de grande aceitação. Nós o desejamos sinceramente.

A Pátria, da cidade vizinha. É órgão da colônia portuguesa e publica-se semanalmente.

Tem por divisa: *Justeza nos conceitos. Energia na ação*. Muito bem. Saudamos o chefe de sua redação, o Sr. Fernando Pimentel, talento conhecido e respeitado na vasta arena das letras.

Mercúrio, órgão da classe caixeira do Desterro.

Começa agora a sua jornada; é interessante e futuroso.

O Santanense, folha literária, noticiosa e comercial, redigida por diversos.

É de pequeno formato, porém escrita com critério e gosto.

A todos, o testemunho do nosso reconhecimento.

_____ *

Recebemos mais: O hino que o festejado e popular Clube Carnavalesco Congo, distribuiu no último carnaval; e um volume nitidamente impresso, contendo sob o delicado título de *Casuarinas*, as poesias do simpático cavalheiro Sr. Carlos Miller.

Do valor literário da obra o que diremos?

A nossa obscura pena não se sente com coragem para escrever juízos críticos; deixamos, portanto, essa tarefa a outras muito mais no caso de o fazerem.

Agradecemos ao inteligente cultor das *Casuarinas* a delicadeza da sua oferta e desejamos que o seu trabalho colha os aplausos que anela o novel poeta.

_____ *

Também da Corte nos foi dirigido pelo nosso distinto colaborador Sr. Bráulio Júnior, digno 1º Secretário do futuroso Congresso Literário Gonçalves Dias, de que temos o prazer de ser sócia-correspondente, um atencioso ofício comunicando a nova diretoria eleita pela mesma associação.

Apertamos afetuosamente a mão a todos os ilustres eleitos, nos quais esperamos ver poderosos baluartes para apoio do nosso esperançoso e prezado grêmio.

A diretoria é a seguinte:

Presidente – Américo Guimarães.

Vice-Presidente – Tibúrcio Caribé da Rocha.

1º Secretário – Bráulio Cordeiro Júnior.

2º dito – Carlos Alves de O. Guimarães.

Tesoureiro – Políbio Braga.

Procurador – João Diogo Ferreira de Souza.

Bibliotecário – Carlos Diniz Cordeiro.

Na mesma ocasião recebemos o *Poeta*, órgão do mesmo Congresso. O número consagrado ao terceiro aniversário da sociedade, estava variado e bem escrito.

*

Antes de concluir, pedimos vênica à ilustrada redação do *Comercial*, para felicitá-la pelo novo melhoramento que acaba de dar à sua apreciável folha.

#####

CORIMBO. Rio Grande, maio 1886. A. 1. N. 12.
Expediente (p. 3-4)

Visitaram-nos mais as seguintes publicações:

Pérolas e diamantes, mimosa coleção de poesias da lavra do Sr. Renato da Cunha, um poeta jovem, porém muito prometedor, muito inspirado mesmo.

Agradecendo a S. S. a remessa do seu interessante livrinho, cabe-nos felicitá-lo pela maneira brilhante com que com que acaba de inscrever-se dentre os batalhadores do ideal.

Relâmpago, semanário reclame da Agência Comercial Portuguesa do Sr. Lourenço Marques d'Almeida.

Esta publicação cujo programa temos à vista, destina-se não só aos anúncios – seu principal elemento – como a contar uma parte literária, a par de artigos de interesse geral, devido à colaboração de abalizadas penas.

Distribuição gratuita e tiragem de 30.000 exemplares.

De Porto Alegre – *O Cabrion*, folha humorística e ilustrada, de propriedade da empresa Palmeiro & C.

Os números 1^o e 2^o com que fomos obsequiada estão interessantes, espirituosos, no caso de augurarem a seus dignos diretores uma feliz e gloriosa senda nas arriscadas digressões do jornalismo.

A todos, nossos agradecimentos.

_____ *

Da brilhantíssima pena de nossa Exma. Colaboradora, D. Carlota de Aquitânia, aformoseia hoje o despretensioso *Corimbo* um belo logogrifo. Temos mais o prazer de inserir neste número um valioso trabalho do poeta das *Revoadas*, o Sr. Domingos Nascimento.

Afetuosamente apertamos a mão a estes estimáveis colaboradores.

#####

CORIMBO. Rio Grande, jun. 1886. A. 1. N. 13.
Expediente (p. 3-4)

Consórcio – Ao distinto cavalheiro o Ilmo. Sr. Henrique Haillot e à simpática jovem Exma. Sra. D. Alcida Telles, dirigimos nossos cumprimentos pelo seu feliz enlace.

_____ *

Visitas – Agradecemos as de nossos ilustrados colegas Srs. José Gomes Corrêa, da *Pátria*, e Rodolfo Gomes, da *Gazeta Pedritense*, estimáveis publicistas a quem devemos imensas amabilidades, e as mais gratas demonstrações de apreço.

*

Às estimáveis e distintas redações do *Correio da Noite*, *Correio Mercantil*, *Pátria* e *Discussão*, mais uma vez testemunhamos nossa sincera gratidão pela delicada forma porque se dignaram noticiar nossa chegada e retirada da cidade de Pelotas, de onde, ainda que em uma curta estada, colhemos verdadeiras manifestações de simpatias.

*

Publicações – Fomos distinguidas com mais um grande número de belos periódicos, dos quais deixamos de tratar neste número, por falta de espaço, o que faremos brevemente.

*

À Exma. Sra. D. Luiza Cavalcanti Filha, agradecemos o obséquio dispensado com a visita de suas *Alvoradas*, delicada coleção de poesias mimosas, naturais, plenas de vida e encantos. Felicitamo-la.

*

À nossa simpática colaboradora a Exma. Sra. Hermila Messias da S. Carvalho rogamos desculpa por faltarmos ainda desta vez com a publicação de seu belíssimo trabalho, *O Perdão*.

*

Chamamos a atenção dos leitores para o interessante *Enigma* com que é honrado o *Corimbo* de hoje.

— * —

Corimbo

Contando a presente *Revista* a existência de um ano e neste período de tempo tendo sempre o generoso público prestando-lhe a mesma proteção dada ao *Corimbo* desde a sua primeira fase – há três anos – julgamo-nos no imperioso e grato dever, embora em face de alguns esforços, de alguma luta, buscarmos brevemente dar à nossa fraca publicação mais amplitude, em uma nova forma que certamente agradará a seus leitores, àqueles que indubitavelmente hão concorrido para um feliz desenvolvimento em sua modesta existência.

Cabe-nos mais sincera e profundamente agradecer o auxílio das brilhantes penas cuja colaboração à *Revista* tem sido valiosíssima, e bem assim, a benevolência com que a tem recebido os ilustres colegas de imprensa a quem deve a honra da permuta.

A Redação.



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

VICE-PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: PAULO SOMENSI

2º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “UID/ELT/00077/2013”**



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



CLEPUL | Centro de Estudos
de Língua Portuguesa
da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação

